

# EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE

UNIDADE

1

**EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS:  
Uma reflexão necessária para transformar.**

UNIDADE

2

**HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA E EDUCAÇÃO  
ESCOLAR INDÍGENA**

UNIDADE

3

**GÊNERO E SEXUALIDADES NO  
AMBIENTE ESCOLAR**

UNIDADE

4

**EDUCAÇÃO DO CAMPO**



**GOVERNADOR DO ESTADO DO PARANÁ**

Carlos Alberto Richa

**SECRETÁRIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO**

Ana Seres Trento Comin

**DIRETOR GERAL**

Edmundo Rodrigues da Veiga Neto

**SUPERINTENDENTE DE EDUCAÇÃO (SUED)**

Ines Carnieletto

**CHEFE DO DEPARTAMENTO DA DIVERSIDADE**

Marise Ritzmann Loures

**COORDENADORA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO, INDÍGENA E CIGANA**

Mara Rosane Machado

**COORDENADORA DA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS  
E ESCOLAR QUILOMBOLA**

Edna Aparecida Coqueiro

**COORDENADORA DA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES DE GÊNERO E  
DIVERSIDADE SEXUAL**

Melissa Colbert Bello

**CHEFE DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E TRABALHO**

Candida de Carvalho Junqueira

**COORDENADORA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL**

Silvia Ramos da Rosa Mendes

## **PRODUÇÃO DE CONTEÚDO**

### **Departamento da Diversidade:**

Marise Ritzmann Loures

### **Coordenação de Educação do Campo, Indígena e Cigana**

Mara Rosane Machado

### **Coordenação de Educação das Relações da Diversidade Etnicorracial**

Edna aparecida Coqueiro

### **Coordenação de Educação das Relações de Gênero e Diversidade Sexual**

Melissa Colbert Bello

## **AUTORIA:**

Ana Sueli Ribeiro Vandresen  
Clemilda Santiago Neto  
Daniele Cristina Ferreira  
Edimara Gonçalves Soares  
Eliana de Fatima e Silva Vieira  
Galindo Pedro Ramos  
Gisele Brunetti da Silva  
Helio Puchalski  
Kenneth Dias dos Santos  
Maria Daise Taschetto Rech  
Michelle Renata Borsatto  
Patricia Gimenes Santiago de Souza  
Soraia de Fatima Henriques Saleh

## **REVISÃO:**

Joelma Silviera e Silva

## **COLABORAÇÃO:**

Orlando de Macedo Júnior

## **PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO**

### **Coordenação de Produção Multimídia (CPM)**

Carina Skura Ribeiro

Joise Lilian do Nascimento

2018



Este trabalho está licenciado com uma Licença

Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-Compartilhual 4.0 Internacional.



### APRESENTAÇÃO

Como agente educacional I já viu algum colega de trabalho ou estudante sofrer discriminação, preconceito, racismo ou bullying? Ouviu, no ambiente escolar, piadas racistas, sexistas ou homofóbicas ou comentários depreciativos sobre a orientação sexual de alguém?

Já se perguntou como tais atitudes afetam as pessoas? Já se colocou no lugar das pessoas e imaginou como se sentem por serem excluídas?

As situações mencionadas acima são vivenciadas, quase que cotidianamente por estudantes indígenas, quilombolas, negras/os, do campo, ribeirinhas/os, ilhéus, cipozeiras/os, ciganas/os, itinerantes, circenses, artistas e/ou de parques de diversão, de teatro mambembe; mulheres e homens (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, heterossexuais e intersexuais), entre outros.

São situações comuns, inclusive na escola, espaço que deveria acolher a todas/os sem distinção, garantir o direito das/os estudantes de aprender, pensar, falar, ouvir, participar e a exercer a cidadania, livres de qualquer forma de preconceito ou de discriminação.

Esses são alguns motivos pelos quais achamos importante falar sobre DIVERSIDADE com você!

Neste módulo, você está convidada/o a refletir sobre seu papel como agente educacional I, como educadora/or, como cidadã ou cidadão e perceber que é possível modificar a realidade que, infelizmente, ainda exclui as pessoas. Uma exclusão reforçada em estereótipos, preconceitos e ideias que não deveriam estar no cotidiano da escola.

Para isso, este Módulo da Educação e Diversidade está dividido em quatro unidades, nas quais você vai estudar sobre:

**Unidade 01** – Educação das Relações Étnico-Raciais na Escola: um desafio de todos

**Unidade 02** – História e Cultura Indígena e Cigana

**Unidade 03** – Gênero e Sexualidades no ambiente escolar

**Unidade 04** – Educação do Campo

Com esses conteúdos você aprenderá um pouco mais sobre a necessidade de enfrentar, no ambiente escolar, todo tipo de preconceito e discriminação, e, ao mesmo tempo, valorizar a importância da diversidade na escola. Assim, cada unidade apresenta leituras, atividades, questionamentos e sugestões que podem contribuir para que você reflita sobre os assuntos e também possa realizar o trabalho necessário.

### OBJETIVO DO MÓDULO

Ampliar o conhecimento das/os profissionais da educação a respeito das temáticas da diversidade para que contribuam com o acolhimento, a compreensão, a inclusão, a solidariedade e o exercício pleno da cidadania de todas as pessoas que estão na escola e têm o direito à educação.

### EMENTA

Conceitos de preconceito e discriminação no espaço escolar. História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena tratadas numa perspectiva positiva. Respeito, reconhecimento e valorização, no espaço escolar, da história, cultura e experiências dos sujeitos da diversidade, das populações: negra, quilombola, indígena, cigana, do campo, lésbica, gay, bissexual, travesti e transexual. Enfrentamento ao preconceito, discriminação e violência associada ao racismo, machismo, LGBTfobia, xenofobia e territorialidade. Especificidades históricas, sociais e culturais das comunidades tradicionais: indígenas, ribeirinhos, das ilhas, do campo, e quilombolas.

### EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: Uma reflexão necessária para transformar.

*“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.”*

Nelson Mandela

#### DIVERSIDADE X DESIGUALDADES

No Brasil, impera uma crença de que não existe racismo, que somos todos iguais em direitos e deveres, que as oportunidades são para todos, enfim, de que vivemos numa sociedade livre de preconceito em relação a população negra.

Ainda, é comum muitas pessoas dizerem que o Brasil é um “país de braços abertos”, referindo-se a diversidade de povos e culturas que aqui vivem. Também expressam o entendimento sobre a formação do Brasil a partir de três “raças”, sendo: indígena, brancos e negros, que se miscigenaram dando origem ao brasileiro.

Essas são algumas, entre as várias maneiras de pensar e dizer sobre as relações étnico-raciais (brancos e negros) historicamente estruturadas na sociedade brasileira, e vivenciadas no nosso cotidiano. A escola, como uma instituição social produz e reproduz preconceitos raciais, assim, inúmeras situações de racismo e discriminação racial ocorrem no espaço escolar. Para combater essas manifestações racistas é imperioso o **envolvimento proativo de todos os funcionários da escola**, visto que, trata-se de um problema social que adentra os muros escolares e precisa ser compreendido, prevenido, enfrentado e superado. **Acreditamos que a escola se “a escola” reproduz o racismo ela também é um importante local para combatê-lo e superá-lo.**

No decorrer da história, as diferenças e as semelhanças entre os seres humanos foram ganhando sentidos e significados diversos. A questão racial no Brasil também foi sendo construída no contexto das diversas culturas e etnias, ou seja, na diversidade étnica e cultural.

Nesse sentido, é preciso entender que na diversidade étnica e cultural existem desigualdades historicamente construídas, povos e culturas sistematicamente excluídos e discriminados, destaca-se aqui o povo negro. As distintas formas, de manifestação do

racismo criaram barreiras sociais para impedir que a população negra tivesse condições de igualdade no acesso a bens materiais, simbólicos e de direitos. Nesse contexto emergiu a desigualdade e a exclusão do povo negro, pois, a diferença étnica/racial e cultura foi/é vista como inferior.

Na concepção de Candau (2005)

não se deve contrapor igualdade a diferença. De fato, a igualdade não está oposta à diferença, e sim desigualdade, e diferença não se opõem à igualdade, e sim à padronização, à produção em série, à uniformidade, a sempre o “mesmo”, à mesmice. (CANDAU, 2005, p. 19).

Assim, a tarefa e o desafio para todos/as os profissionais da escola é contribuir na desconstrução e desnaturalização dos discursos e práticas que rotulam a diferença étnica/racial e cultural do povo negro como desigual e inferior. O desempenho dessa tarefa implicará na construção de uma representação positiva do povo negro, possibilitando que os estudantes negros/as possam assumir com orgulho as características de sua diferença e seu pertencimento étnico/racial.

A sociedade brasileira desde sua origem é pluriétnica e pluricultural, e essa

### ATENÇÃO:



A desconstrução do racismo envolve toda a sociedade brasileira. Assim, é importante que todos/as profissionais da escola estejam engajados na luta pelo respeito às diferenças étnico-raciais, pois, a diferença é importante componente do nosso processo de humanização. O fato de sermos diferentes, talvez seja uma das nossas maiores semelhanças.

pluralidade, como não poderia deixar de ser, é viva nas nossas escolas. São crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos cada um com suas crenças, costumes, histórias de vida, experiências, representações, identidades, etc, e essas particularidades não ficam no portão da escola esperando para serem pegadas no final da aula, entram juntas, pois é a particularidade que constitui o que cada um é. Assim, não podemos considerar a diferença étnica/racial e cultural como algo ruim, algo que é olhado com desprezo e menosprezado.

A compreensão sobre as relações étnico/raciais na escola, não é uma questão

### ATENÇÃO:



A diversidade não constitui um fator de superioridade e inferioridade entre os grupos humanos, mas sim, [...] um fator de complementariedade e de enriquecimento da humanidade. (MUNANGA, 2005, P. 15)

delimitada aos profissionais negros/as, é sim, uma tarefa cidadã e pertence a todos/as que almejam uma sociedade mais justa e que repudie toda e qualquer manifestação de racismo, discriminação racial e preconceito.

Nesse sentido, é importante uma reflexão para entender como se estabelecem as relações raciais (brancos e negros) no Brasil, na perspectiva de transformar e superar as desigualdades raciais. Também é necessário saber que existe o mito da **democracia racial**. Conforme Fernandes; PEREIRA e NOGUEIRA (2006, p.173) a democracia racial infelizmente não passa de um mito criado pela maioria e tendo em vista os interesses sociais e os valores morais da maioria.

As desigualdades raciais e a construção do racismo na sociedade brasileira



### REFLITA:

Quais grupos têm sistematicamente tratamento como inferiores, dificultando ou impedindo acesso a bens sociais e pessoais no Brasil?

são decorrentes de uma longa história, na qual os negros/as foram arrancados do seu Continente (África) e trazidos para América como “mercadorias”. As consequências dessa barbárie nunca foi efetivamente reparada. A escravização dos africanos e seus descendentes durou mais de 300 anos, sendo o Brasil o último país da América a abolir oficialmente o regime escravista. A abolição, ocorrida em 1888 não representou a inclusão dos negros/as na sociedade brasileira.

Desde então, a população negra foi excluída do acesso aos direitos fundamentais à cidadania, sendo dentre os pobres, os mais pobres. Os indicadores de instituições nacionais de pesquisa mostram a imensa desigualdade social entre negros e brancos. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2014), a média salarial do país é de 1.012,25 reais, sendo a média de renda familiar dos negros/as de 753,69 reais. Já a renda familiar dos brancos é de 1.334,50 reais.

Outros dados também apontam desigualdades sócio/raciais:

	<b>Pretos e Pardos</b>	<b>Brancos</b>
<b>Desempregados</b>	14,3%	5,1%.
<b>Trabalho infantil</b>	14,1%	5,4%

Fonte: IBGE 2014

Nota-se que entre os desempregados, os pretos são 7,5% soma os pardos (6,8%), totalizando 14,3%. Enquanto para os brancos tem-se o indicador de 5,1%. Também o trabalho infantil 14,1% pretos e pardos (pretos 6,5%) e (pardos 7,6%) e entre brancos 5,4%.

Dados do Instituto de Pesquisa e Estatística Aplicada-IPEA (2013) revelam que

### **crianças negras têm 25% mais chance de morrer antes de completar 1 ano de idade do que crianças brancas.**

A pobreza na infância tem cor, atinge 32,9% das crianças brancas e 56% das crianças negras. Ainda conforme o IPEA (2013), negros são 70% das vítimas de homicídio. **A chance de um adolescente afrodescendente ser assassinado é 3,7 vezes maior em comparação com os brancos.**

	<b>Negros</b>	<b>Branco</b>
<b>Pobreza na infância</b>	56%	32,9%
<b>Vítima de homicídio</b>	70%	30%

Fonte: IPEA (2013)

Segundo o Censo do IBGE (2010), cerca de 3,7 milhões de crianças e adolescentes entre 4 e 17 anos de idade que estão fora da escola, 62% são negras.

Os indicadores revelam uma situação de desvantagem historicamente acumulada, que se alarga com o racismo. Nessa situação não basta ter direitos iguais, pois, se os direitos fossem efetivamente iguais, o país não teria necessidade de construir ações/políticas específicas para população negra. A defesa da meritocracia para acesso as instituições/empregos/cargos que representam poder e prestígio é defendida por muitas pessoas, entretanto, é preciso considerar que são raros os negros/as que têm uma base sócio/econômica que lhes permita concorrer condições de igualdade com os brancos. Conforme Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD, 2014), a média de escolaridade da população negra é de 9,4 anos e população branca 10,7 anos.

A História oficial relegou aos negros/as uma posição secundária em todas dimensões sociais, criando imensas desigualdades, difíceis de serem superadas, mas, não impossíveis. Assim, a primeira ação é partir da compreensão de que há sim racismo, preconceito racial e discriminação racial, e segunda é o enfrentamento e superação.

### **ESCOLA E SUPERAÇÃO DO RACISMO: COMPROMISSO INDISPENSÁVEL**

No cotidiano escolar ocorrem conflitos raciais, caracterizados nas ofensas verbais, nos xingamentos, rejeição, constrangimentos, etc., que afetam diretamente a construção da identidade das crianças negras, portanto, é necessário promover atitudes de intervenção no combate às práticas de discriminação racial.

Gomes (2005) destaca que, assim como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num movimento que envolve inúmeras variáveis. Pois a identidade negra é uma construção social, histórica e cultural, onde o

sujeito se reconhece na conjunção do grupo étnico/racial a partir da sua história, cultura e relações estabelecidas com o outro.

As atitudes de intervenção no enfrentamento do racismo e da discriminação racial criam condições para o desenvolvimento e fortalecimento da autoestima dos estudantes negros/as. Quando um adolescente ou uma criança diz que não quer ser negro/a, ou não se reconhece como tal, significa que ela quer fugir do tratamento costumeiro dado às pessoas negras. Ela não deseja ser negra, porque quer escapar dos apelidos, das piadas, de ser excluídas das brincadeiras ou fazer o papel que ninguém deseja.

Nesse sentido, destaca-se como atitude de intervenção, transformar toda e qualquer situação de discriminação e preconceito racial no ambiente escolar em um momento de reflexão e ação, envolvendo a escola. Quem ofendeu, ironizou, xingou não pode ser simplesmente punido, mas, precisa entender sua atitude como negativa, precisa compreender que a diferença nos constitui enquanto seres humanos, ter características físicas diferentes não significam inferioridade ou superioridade.

Não é uma tarefa fácil, por isso, é preciso agir junto com pedagogos/as, direção e professores/as. Assim, o compromisso no enfrentamento a discriminação e preconceito racial é um fator indispensável, “compromisso, só existe no engajamento com a realidade [...] é um ato corajoso, decidido e consciente que revela a não neutralidade”. (FREIRE, p. 19, 2007)

É um desafio olhar para dentro de nós e enxergar nossos próprios preconceitos racistas, pois, eles estão arraigados na nossa mente, nas nossas representações, nas nossas crenças e valores. Diante disso, combater o preconceito e atitudes racistas exige reconhecimento e compromisso com a condição humana.

Ainda encontramos muitos profissionais da educação que entendem que discutir refletir e ensinar sobre relações raciais não é tarefa da educação básica, portanto, pensam que essa tarefa caberia às instituições de ensino superior e aos militantes negros/as. Entretanto, não é possível que a função social da escola fique fechada somente na transmissão dos conteúdos historicamente acumulados, é necessário que esses conteúdos estejam articulados com a realidade social, cultural e histórica da sociedade brasileira.

Sabemos que há um longo percurso para modificar nossa maneira de pensar e agir sobre a população negra, pois, as manifestações do racismo sutil, velado, silencioso, são fortes e persistem imbricadas na herança do mito da democracia racial, mito segundo o qual no Brasil há uma harmonia e igualdade social e econômica entre negros e brancos.

Acreditamos que a tarefa de enfrentamento, combate e superação do racismo e suas formas correlatas é uma tarefa de cada um e de todos nós envolvidos na educação escolar de milhares de crianças, adolescentes, jovens e adultos.

### EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

#### CONCEITOS IMPORTANTES

A discussão sobre a educação das relações étnico raciais no Brasil, é ampla e diversa. Os termos e conceitos utilizados no trabalho com a temática étnico-racial vão para além da teorização produzida no espaço da universidade, pois, os movimentos sociais negros desempenham um papel fundamental na redefinição dos termos e conceitos sobre a questão racial na sociedade brasileira. É comum as pessoas perceberem a atuação dos movimentos sociais negros somente pelo viés da denúncia, porém, são eles que além de fornecer informações sobre a história da população negra no Brasil e também sobre a África, também potencializam o debate, com base nos seus estudos/experiências.

Não vamos apresentar os termos e conceitos somente pela sua definição, mas por serem mais conhecidos e utilizados nas questões envolvendo educação das relações étnico-raciais.

- **RAÇA:** a espécie humana é única e indivisível. As diferenças de fenótipo (diferenças aparentes) não implicam diferenças biológicas ou genéticas que justifiquem a classificação dos sujeitos em diferentes raças ou que justifiquem a distinção hierárquica entre os povos (raças superiores ou inferiores). O termo “raça” ainda é utilizado para informar como determinadas características físicas (cor de pele, tipo e textura de cabelo, formato do nariz e do crânio, formato do rosto) e, também, manifestações culturais influenciam, interferem e até mesmo determinam o destino e o lugar dos sujeitos na sociedade brasileira em razão da carga de preconceito e discriminação aos quais estão submetidos os grupos não brancos. Fonte: (*Cartilha Raça e Etnias* do Ministério da Educação e Ministério da Saúde, 2011)
- **RACISMO:** é uma ideologia, uma estrutura e um processo pelo qual, grupos específicos, com base em características biológicas e culturais, são percebidos como inferiores. Tais características são, em seguida, utilizadas como fundamentos lógicos para excluírem os membros desses grupos do acesso a recursos materiais, simbólicos e de seus direitos. O racismo brasileiro [...] na sua estratégia e nas suas táticas agem sem demonstrar a sua rigidez, não aparece à luz, é ambíguo, meloso, pegajoso, mas altamente eficiente nos seus objetivos. (MOURA, 1994. p. 160).
- **PRECONCEITO:** conjunto de crenças e valores preconcebidos e apreendidos, sem razão objetiva ou refletida, que levam um indivíduo ou um grupo a nutrir opiniões a favor ou contra os membros de determinados grupos, antes de uma efetiva experiência com esses. No terreno das relações raciais, o emprego do termo normalmente se

refere “ao aspecto negativo de um grupo herdar ou gerar visões hostis a respeito de outro, distinguível com base em generalizações. (*Cartilha Raça e Etnias* do Ministério da Educação e Ministério da Saúde, 2011). O preconceito em relação à etnia negra está diretamente relacionado a tonalidade da cor da pele, obedecendo a um gradiente de cor, em cuja graduação quanto mais próxima da cor preta/negra maior é a incidência do preconceito e da discriminação racial.

- **Discriminação racial:** corresponde à expressão ativa ou comportamental do racismo e do preconceito racial. O preconceito e o racismo são modos de ver concepções, representações sobre determinadas pessoas ou grupos sociais racializados. A discriminação racial remete a ações em que essas representações são apresentadas por meio de práticas sociais e cotidianas, gerando situações de desvantagem e desigualdades entre os segmentos populacionais envolvidos. Manifestam-se de forma intencional ou não, seja pela atribuição de rótulos pejorativos, seja até mesmo pela negação do acesso aos bens públicos e constitucionais, como saúde, educação, justiça, habitação, participação política etc. (CASHMORE, 2000).
- **IDENTIDADE:** a ideia que um indivíduo faz de si mesmo, de seu “eu”, é intermediada pelo reconhecimento obtido dos outros em decorrência de sua ação. Nenhuma identidade é construída no isolamento. Ao contrário, é negociada durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros. Tanto a identidade pessoal quanto a identidade socialmente derivada são formadas em diálogo aberto. A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser e estar no mundo e com os outros. A identidade é uma realidade sempre presente em todas as sociedades humanas. Qualquer grupo humano, através do seu sistema axiológico sempre selecionou alguns aspectos pertinentes de sua cultura para definir-se em contraposição ao alheio. A definição de si (autodefinição) e a definição dos outros (identidade atribuída) têm funções conhecidas: a defesa da unidade do grupo, a proteção do território contra inimigos externos, as manipulações ideológicas por interesses econômicos, políticos, psicológicos, etc. (GOMES, 2005, 2006; MUNANGA, 1994, 177-178).
- **IDENTIDADE NEGRA:** é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. A identidade negra também é uma construção política, isso significa a tomada de consciência de um segmento étnico/racial excluído da participação na sociedade, para a qual contribuiu de maneira significativa em todos os setores da economia e também na cultura. Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as). (GOMES, 2006; MUNANGA, 2004)

- **NEGRO/A:** durante o período de escravização no Brasil eram chamados de “negros” no sentido pejorativo, os escravizados que reagiam as violências desumanas; escravizado considerado violento. Movimento Social Negro ressignificou essa expressão de maneira positiva, de modo a dizer que ela representa todos àqueles que não se submeteram/submetem a desumanização de sua condição de ser.
- **ETNIA:** um grupo possuidor de algum grau de coerência e solidariedade, composto por pessoas conscientes, pelo menos em forma latente, de terem origens e interesses comuns. Um grupo o étnico não é mero agrupamento de pessoas ou de um setor da população, mas uma agregação consciente de pessoas unidas ou proximamente relacionadas por experiências compartilhadas (CASHMORE, 2000, 196).
- **DEMOCRACIA RACIAL:** é um mito, que pretende negar a desigualdade racial entre brancos e negros no Brasil como fruto do racismo, afirmando que existem entre estes dois grupos raciais uma situação de igualdade de oportunidade e de tratamento. Esse mito pretende, de um lado, negar a discriminação racial contra os negros no Brasil, e, de outro lado, perpetuar estereótipos, preconceitos e discriminações construídos sobre esse grupo racial. Se seguirmos a lógica desse mito, ou seja, de que todas as raças e/ou etnias existentes no Brasil estão em pé de igualdade sócio racial e que tiveram as mesmas oportunidades desde o início da formação do Brasil, poderemos ser levados a pensar que as desiguais posições hierárquicas existentes entre elas devem-se a uma incapacidade inerente aos grupos raciais que estão em desvantagem, como os negros e os indígenas. Dessa forma, o mito da democracia racial atua como um campo fértil para a perpetuação de estereótipos sobre os negros, negando o racismo no Brasil, e simultaneamente, reforçando as discriminações e desigualdades raciais. (FERNANDES; PEREIRA; NOGUEIRA, 2005).

### OFICINA - ATIVIDADE PRESENCIAL

#### TEMA: A ESCOLA E A DISCRIMINAÇÃO

Objetivos	Materiais necessários	Questões a serem respondidas
Possibilitar a discussão sobre os preconceitos existentes em relação aos negros/as no Brasil.	Folhas de papel Lápis ou caneta Desenho de uma árvore de mais ou menos 2 metros de altura Tiras de papel Fita crepe Canetas de ponta grossa	<ul style="list-style-type: none"><li>• O que geralmente as pessoas fazem quando presenciam uma situação de preconceito racial na escola? E na comunidade?</li><li>• O que cada um(a) de nós poderia fazer para promover a autonomia, o respeito e a valorização da diversidade racial e cultural nas situações cotidianas?</li></ul>

## ATIVIDADE À DISTÂNCIA

### REFLEXÃO E INTERVENÇÃO: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS

Nesta seção, nosso objetivo é provocar uma reflexão sobre nossas atitudes profissionais no trato das relações étnico-raciais no espaço escolar. Buscar articular nossas vivências e experiências profissionais com estudos e pesquisas sobre as manifestações racistas que às vezes não percebemos, ou percebemos como normais. E por fim, elaborar ações de intervenção para dissolver os conflitos raciais.



#### **PRATIQUE:**

**A seguir apresentamos algumas situações comuns no espaço escolar. Os excertos foram extraídos do livro “Racismo e Antirracismo na Educação: repensando nossa escola” e adaptados para atender os objetivos desse curso.**

#### **Situação 01**

Duas crianças, uma negra e outra branca, estão no pátio da escola. Por algum motivo estão brigando. O aluno branco, em meio ao conflito, chama o outro de negro. Este procura o agente educacional e diz que foi ofendido, foi chamado de negro. Como solução o agente educacional repreende o aluno branco, dizendo:

“Não faça mais isso! Peça desculpas para seu amigo.”

E não falou mais sobre o assunto.

O que você faria nessa situação?  
Qual sua análise em relação a atitude do aluno branco? E do aluno negro?

#### **Situação 2**

Dado o sinal para hora do lanche, as crianças correm para fila da cantina. A professora e o agente educacional organizam e orientam a formação da fila. No cartaz em letra maiúscula está escrito: SUCO DE UVA e BOLO NEGA MALUCA. Uma criança branca após ler o cartaz vira-se para uma das meninas negras da fila e diz:

“Oba!!! Hoje eu vou te comer!!!”

Todos da fila caem na gargalhada e a criança negra fica em silêncio absoluto.

Você já presenciou situação igual?  
Qual seria sua intervenção nesse conflito?

## Situação 3

Uma menina negra ganha de sua mãe uma boneca; uma versão negra de uma boneca que faz enorme sucesso entre as meninas. A menina resolve levar o brinquedo para escola, para brincar na hora do recreio com as colegas. Na hora de brincadeira, ao simularem uma estrutura familiar, com todas as bonecas, as crianças informam à menina negra que sua boneca não pode participar da brincadeira porque ela é negra. A menos que aceite a seguinte condição: representar a empregada doméstica da família de brincadeira. A criança negra nega-se a participar da brincadeira e comenta a situação com o agente educacional e com as professoras.

Como você analisa esse relato?

## CHARGES: UM OLHAR PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

O objetivo dessas charges é mostrar e refletir sobre as relações entre brancos e negros na nossa sociedade. Essas charges revelam a necessidade urgente de transformação das relações étnico/raciais presentes no nosso país, e todos/as da educação devem ter compromisso com essa tarefa. No entanto, para transformar é preciso conhecer mais e saber argumentar contra as situações como essas mostradas nas charges e outras que presenciamos no nosso cotidiano.

Nesse sentido, a intenção não é potencializar essas desigualdades raciais e injustiças sociais, muito pelo contrário, é provocar a reflexão individual e coletiva.

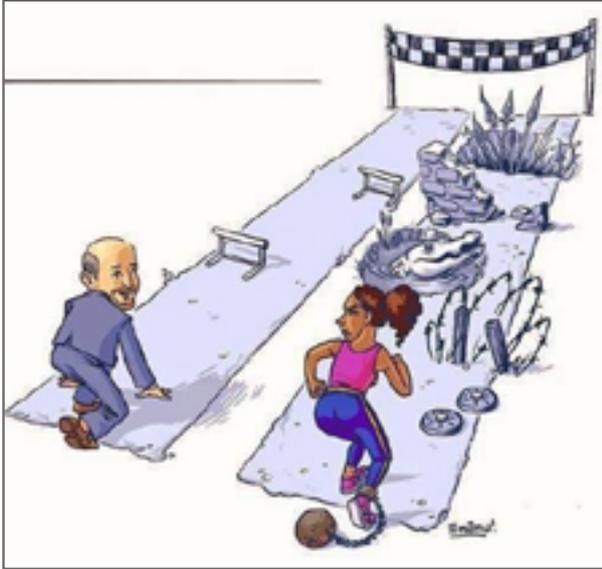
1. Leitura de Charges:  
Observe atentamente.

O cartunista Maurício Pestana, tem muitas charges que promovem reflexão sobre a questão *racial* no Brasil.

- a) Existe uma forma de racismo silenciosa, disfarçada nos ambientes de trabalho.
- b) Negros e brancos tem o mesmo tratamento na disputa de uma vaga para emprego. Registre sua opinião.

Fonte: <http://encurtador.com.br/zCHMV>





Fonte: <http://encurtador.com.br/xAJK2>

3. Com base na definição de preconceito, analise a charge a seguir. Registre sua percepção.



Fonte: <http://encurtador.com.br/zCHMV>

Essas são algumas situações vivenciadas pela população negra no nosso país, e que demonstram a inexistência da democracia racial.

Mas, é imprescindível mostrar a importância e contribuição da população negra para o desenvolvimento da sociedade brasileira, bem como as várias estratégias de luta e resistência contra o racismo e a exclusão imposta.

2. A partir da charge podemos dizer que as condições no acesso a educação, saúde, emprego, entre outros, são iguais para negros e brancos? Registre sua opinião.



Fonte: <http://encurtador.com.br/tvyMV>

4. Será que essa situação não é uma forma de racismo?



### SAIBA MAIS:

Assista ao vídeo “In Memoriam - Negros que fizeram a história do Brasil”.

<https://youtu.be/LvZBCs7vcBI>



### PRATIQUE:

Escolha 3 personalidades e pesquisa sobre vida e suas contribuições para questões negras.



### SAIBA MAIS:

Efeitos do racismo/preconceito na infância negra:

<https://youtu.be/S5YbQmYHSY0>

Cultura negra: identidade e Resistência

<https://youtu.be/-X6XE2oJ5bs>

Como **símbolos de resistência** as várias formas de racismo e exclusão, podemos destacar também as Comunidades Remanescentes de Quilombos. A definição contemporânea de Quilombo considera não somente o passado, mas o que existe no presente. Nesse sentido, em 1994 a Associação Brasileira de Antropologia, produziu a seguinte definição:

[...] Contemporaneamente, o termo quilombo não se refere a resíduos resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma nem sempre foram constituídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados, mas, sobretudo, consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação um território próprio.[...]  
(O’ Dwyer, 1995, p. grifos nossos).

No Paraná atualmente existem 37 CRQs certificadas pela Fundação Cultural Palmares, e 20 Comunidades Tradicionais Negras que não se auto-declaram, entretanto, tem a mesma trajetória histórica/cultural das CRQs certificadas.

As CRQs são espaços vivos da história e cultura da população negra brasileira, mantêm as formas de produção do trabalho herdadas dos antepassados, baseadas no mutirão e nos princípios de sustentabilidade e etnodesenvolvimento.

No Paraná as CRQs cultivam diversos produtos, dentre os quais podemos destacar: a produção de café e erva-mate com seus respectivos procedimentos artesanais de transformação; plantação de mandioca e fabricação da farinha de forma artesanal; plantação de cana de açúcar que tem como derivados a produção de melado e rapadura para consumo e comercialização; produção e comercialização de banana; produção de milho, feijão e arroz e vários tipos de legumes, verduras e frutas. Também criam animais, como porcos, galinhas, patos, gado, cavalos, em algumas há criação de peixes.

A terra para os quilombolas é mais que um pedaço de chão, é mais do que a possibilidade de fixação, é, sobretudo, condição para existência grupal e continuidade de seus valores simbólicos e materiais.



### SAIBA MAIS:

Selecionamos alguns vídeos que mostram as tradições culturais das CRQs ligadas a religiosidade, e valorização dos antepassados numa perspectiva histórica identitária comum. Também a efetivação da educação escolar quilombola nos estabelecimentos de ensino da rede estadual. Veja:

<https://youtu.be/wuGEvSyzWTQ>

<https://www.youtube.com/watch?v=mtJnYKY5egU>

<https://youtu.be/7l1qg7b6gdo>



### SAIBA MAIS:

Viste a página da Educação Escolar Quilombola:

<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1500>

## REFERÊNCIAS

CASHMORE, E. **Dicionário de Relações Étnicas e Raciais**. São Paulo: Summus, 2000.

FERNANDES, F; BORGES, PEREIRA. J. B; NOGUEIRA, O.A questão racial vista por três professores. In: **Revista USP**, 68, 2005-2006, p.168-179.

FREIRE. P. **Educação e mudança**. 30ª ed.; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

GOMES, N. A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03. In: **CANAU, V. M. e MOREIRA, A. F. (orgs.). Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2008.

MUNANGA, K. As facetas de um racismo silenciado. In: SCHWARCZ, L. M; QUEIROZ, R. da S. (Orgs.). **Raça e diversidade**. São Paulo: Edusp, 1996.



## HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA E EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA



### REFLITA:

Como você vê os indígenas?

### Organização Social e Política dos povos Indígenas

A organização social e política dos povos indígenas é a forma pela qual uma comunidade ou povo indígena organiza seus trabalhos, sua luta e sua vida coletiva.

Ser indígena hoje é mais do que pertencer a um conjunto de povos nativos, originários ou ancestrais do povo brasileiro, como algo de um passado distante, é ter identidade própria e estar atuante no cenário local, regional e nacional.

Do direito de sujeito e de cidadão nacional e global, associado ao direito e ao desejo de continuidade histórica das identidades étnicas e culturais significa uma longa e árdua jornada rumo aos que os sábios Guarani chamam de “Terra Sem Males”, um mundo onde todos os povos têm o seu espaço e o direito de viver com dignidade e liberdade.

Os povos indígenas estabelecem um vínculo profundo com a terra. Para eles, o território é o lugar onde viveram e vivem os antepassados. O território está ligado às manifestações culturais e às tradições, às relações familiares e sociais, é um lugar sagrado, no sentido de que ele é o próprio gerador da vida.

Para as comunidades indígenas, a natureza não é um recurso manipulável, mas uma casa, um lugar em que se está e onde se vive.

A língua materna indígena é um elemento cultural importante para a afirmação indenitária de grupo étnico, ao lado de outros elementos, como a relação com a terra, a ancestralidade cosmológica, as tradições culturais, os rituais e as cerimônias.

### A Cultura Indígena no Brasil

A cultura indígena está presente na língua materna, costumes, cantos, danças, pinturas corporais, ritos, narrativas, saberes e tecnologias. Ela é uma das raízes ou matrizes da cultura brasileira e da cultura brasileira atual. Seus traços são encontrados em diferentes aspectos da vida dos brasileiros: alimentação (em comidas como mandioca, pipoca e tapioca, farinha, peixe), objetos, como a rede de descansar, no conhecimento das ervas medicinais, na nomenclatura de animais, no folclore, religiões, em manifestações culturais tradicionais e na relação com a natureza, hábito de tomar banho todos os dias. Em aldeias mais isoladas, a cultura indígena é forte e está “preservada”. Mas a grande realidade hoje é que a maioria dos indígenas está imersa em duas culturas e dois mundos: a convivência com os brancos e a vivência da cultura tradicional. Historicamente, quanto maior é a convivência com os brancos, maior o risco de fragilizar as tradições.



#### REFLITA:

Como você vê os povos indígenas na sociedade brasileira?

### CINCO IDEIAS EQUIVOCADAS SOBRE OS ÍNDIOS

Jose Ribamar Bessa Freire

#### Primeiro Equívoco: O ÍNDIO É GENÉRICO



Foto: Comunidade Kaingang – Campo do Dia/Nova Laranjeiras - Arquivo DEDI/2017

A primeira ideia que a maioria dos brasileiros tem sobre os índios é a de que eles constituem um bloco único, com a mesma cultura, compartilhando as mesmas crenças, a mesma língua. Ora, essa é uma ideia equivocada, que reduz culturas tão diferenciadas a uma entidade supra - étnica. O Tukano, o Desana, o Munduruku, o

Waimiri-Atroari deixa de ser Tukano, Desana, Munduruku e Waimiri-Atroari para se transformar no “índio”, isto é no “índio genérico”. Hoje vivem no Brasil mais de 200 etnias, falando 188 línguas diferentes. Cada povo desse tem sua língua, sua religião, sua arte, sua ciência, sua dinâmica histórica própria, que são diferentes de um povo para outro. Se existem línguas tão diferentes, culturas tão diferentes, não é correto colocá-las todas no mesmo saco.

### Segundo Equívoco: **CULTURAS ATRASADAS**



Foto: Prof. Giomar Karai Guarani (in memoriam)  
Escola Estadual Indígena Kuaray Guatá Porã -  
Guaraqueçaba - Arquivo DEDI/2017

A segunda ideia equivocada é considerar as culturas indígenas como atrasadas e primitivas. Os povos indígenas produziram saberes, ciências, arte refinada, literatura, poesia, música, religião. Suas culturas não são atrasadas como durante muito tempo pensaram os colonizadores e como ainda pensa muita gente ignorante. As línguas indígenas, por exemplo, foram consideradas pelo colonizador, equivocadamente, como línguas “inferiores”, “pobres”, “atrasadas”. Ora, os linguistas sustentam que qualquer língua é capaz de expressar qual quer ideia, pensamento, sentimento e que, portanto, não existe uma língua melhor que a outra, nem língua

inferior ou mais pobre que outra. As religiões indígenas também foram consideradas pelo catolicismo guerreiro, no passado, como um conjunto de superstições, o que é uma estupidez siderúrgica. Basta entrar em contato com as formas de expressão religiosa de qualquer grupo indígena, para verificar que essa visão é etnocêntrica e preconceituosa. As próprias atividades econômicas aparecem muitas vezes como simples pretexto para a realização de cerimônias. A colheita de produtos da roça pode ser motivo para rezas e danças rituais. O ciclo econômico anual é, antes de mais nada, um ciclo de vida religiosa, que acompanha as diversas atividades de subsistência. A religião é, assim, um dos mais importantes fatores de identidade para os Mbyá. Em qualquer aldeia Guarani, a maior construção é sempre a Opy - a Casa de Orações. Não possui janelas, apenas duas portas, uma voltada para oeste, de frente para o pátio central e a outra para leste, na direção domar. O chão é de terra batida e o teto de folha de pindó. O mobiliário é constituído por alguns bancos, uma rede e uma fogueira. O cacique toca mbaracá e dirige as rezas, acompanhadas de cantos e danças. Não conheço nenhum grupo dentro da população brasileira que reze mais do que os Guarani. Os Guarani Mbyá mantêm fidelidade à religião tradicional, resistindo às investidas de grupos evangélicos e de outras religiões. Considerar essas religiões como “atrasadas” é produto, portanto, de extrema ignorância. As ciências indígenas também foram tratadas de forma preconceituosa pela sociedade brasileira. Os conhecimentos indígenas foram desprezados e ridicularizados, como se fossem a negação da ciência e da objetividade. Para combater esse equívoco, o Museu Goeldi, em 1992, realizou uma exposição sobre a ciência dos Kayapó, mostrando a importância dos saberes indígenas para a humanidade. Esta exposição

documentou o conhecimento sofisticado que os Kayapó produziram acerca de plantas medicinais, agricultura, classificação e uso do solo, sistema de reciclagem de nutrientes, métodos de reflorestamento, pesticidas e fertilizantes naturais, comportamento animal, melhoramento genético de plantas cultivadas e semi-domesticadas, manejo da pesca e da vida selvagem e astronomia. Um dos organizadores da exposição, o antropólogo Darell Posey, explicou que existem índios especialistas em solos, plantas, animais, colheitas, remédios e rituais. Mas tal especialização não impede, no entanto, que qualquer Kayapó, seja homem ou mulher, tenha absoluta convicção de que detém os conhecimentos e as habilidades necessárias para sobreviver sozinho na floresta, indefinidamente, o que lhe dá uma grande segurança. Vou pedir permissão a vocês para ler a mensagem principal dessa Exposição, resumida na seguinte frase de Posey: “Se o conhecimento do índio for levado a sério pela ciência moderna e incorporado aos programas de pesquisa e desenvolvimento, os índios serão valorizados pelo que são: povos engenhosos, inteligentes e práticos, que sobreviveram com sucesso por milhares de anos na Amazônia. Esses conhecimentos, no entanto, não foram apropriados pela atual sociedade brasileira, por causa da nossa ignorância, do nosso despreparo e do nosso desprezo em relação aos saberes indígenas, os quais desconhecemos. O preconceito não nos tem permitido usufruir desse legado cultural acumulado durante milênios. Um especialista em biologia, citado pelo antropólogo francês Lévi-Strauss, no seu livro “O Pensamento Selvagem” chama a atenção para o fato de que muitos erros e confusões poderiam ter sido evitados, se o colonizador tivesse confiado nas taxonomias indígenas, em lugar de improvisar outras não tão adequadas. As várias formas de narrativa e de poesia indígena, por isso, não são consideradas como parte da história da literatura nacional, não são ensinadas nas escolas, não são reconhecidas e valorizadas pela mídia. No século passado e no início deste século, vários estudiosos recolheram no Pará e aqui no Amazonas, uma literatura oral de primeiríssima qualidade. Essas narrativas tinham na verdade uma função educativa, de transmitir valores, formas de comportamento. Couto de Magalhães comentou, em uma observação muito inteligente, que um povo cuja literatura tem um personagem como o jabuti, lento e feio, que consegue vencer outros animais belos e fortes como a onça e o jacaré, só usando a astúcia, é um povo que tem civilização para dar e vender. “Um povo que ensina que a inteligência vence a força, é um povo altamente civilizado é um povo altamente sofisticado”, ele reconhece. Todo esse pessoal recolheu muitas narrativas, que infelizmente não fazem parte ainda do nosso currículo escolar, o que faz com que os estudantes e a população brasileira ignorem esse patrimônio cultural da humanidade, que é a literatura indígena.

### Terceiro Equívoco: **CULTURAS CONGELADAS**



Foto: Artesanato Kaingang - Arquivo DEDI/2017

Enfiaram na cabeça da maioria dos brasileiros uma imagem de como deve ser o índio: nu ou de tanga, no meio da floresta, de arco e flecha, tal como foi descrito por Pero Vaz de Caminha. E essa imagem foi congelada. Qualquer mudança nela provoca estranhamento. Quando o índio não se enquadra nessa imagem, vem logo a reação: “Ah! Não é mais índio”. Na cabeça dessas pessoas, o “índio autêntico” é

o índio de papel da carta do Caminha, não aquele índio de carne e osso que convive conosco, que está hoje no meio de nós. O governador Gilberto Mestrinho, por exemplo, para impedir a demarcação das terras indígenas, veio com esse papo mole, que reforça preconceitos. Ele disse: “esses aí não são mais índios, já estão de calça e camisa, já estão usando óculos e relógios, já estão falando português, não são mais índios”. Ele criou uma nova categoria, desconhecida pela etnologia: os ex- índios. Aí, se essa lógica funciona, eu fico me perguntando se o Mestrinho não é, então, um ex- brasileiro, porque o cotidiano dele está marcado por elementos tomados emprestados de outras culturas. Aliás, isto acontece com todos nós. Você, por exemplo, está vestido com jeans, aliás muita gente aqui está com um tipo de roupa que não foi inventada por nenhum brasileiro. Estes móveis aqui também não são objetos “autênticos” da nossa cultura. A mesa e a cadeira têm uma história que vem lá da Mesopotâmia, onde foram projetadas no século VII a.C., passaram pelo Mediterrâneo sofrendo várias modificações antes de chegarem a Portugal e depois ao Brasil. A forma de construir em concreto também não é técnica brasileira. O computador não é brasileiro, o telefone não é brasileiro, enfim toda essa parafernália que agente usa - os milhares de itens culturais presentes no nosso cotidiano - não tem suas raízes em solo brasileiro. Então, o brasileiro pode usar coisas produzidas por outros povos-computador, telefone, televisão, relógio, rádio, aparelho de som, luz elétrica, água encanada - e nem por isso deixa de ser brasileiro. Mas o índio, se desejar fazer o mesmo, deixa de ser índio? Quer dizer, nós não concedemos às culturas indígenas aquilo que queremos para a nossa: o direito de entrar em contato com outras culturas e de, como consequência desse contato, mudar. O problema é que historicamente eles não escolheram o que queriam tomar emprestado, isto lhes foi imposto a ferro e fogo. Concluindo esse tópico, podemos dizer que a cultura brasileira muda, a chinesa muda,

a americana muda, todas as culturas mudam. As culturas indígenas também mudam, e isto por si só não é ruim. Não é ruim que mudem, o ruim é quando a mudança é imposta, sem deixar margem para a escolha.

### Quarto Equívoco: **OS ÍNDIOS PERTENCEM AO PASSADO**



Foto: Artesanato indígena paranaense - Arquivo DEDI/2017

O quarto equívoco consiste em achar que os índios fazem parte apenas do passado do Brasil. Num texto de 1997 sobre a biodiversidade vista do ponto de vista de um índio, Jorge Terena escreveu que uma das consequências mais graves do colonialismo foi justamente taxar de “primitivas” as culturas

indígenas, considerando-as como obstáculo à modernidade e ao progresso. Vou ler para vocês que ele escreveu: “(Eles) veem a tradição viva como primitiva, porque não segue o paradigma ocidental. Assim, os costumes e as tradições, mesmo sendo adequados para a sobrevivência, deixam de ser considerados como estratégia de futuro, porque são ou estão no passado. Tudo aquilo que não é do âmbito do Ocidente é considerado do passado, desenvolvendo uma noção equivocada em relação aos povos tradicionais, sobre o seu espaço na história”. Os índios, é verdade, estão encravados no nosso passado, mas integram o Brasil moderno, de hoje, e não é possível a gente imaginar o Brasil no futuro sem a riqueza das culturas indígenas. Se isto por acaso ocorresse, o país ficaria pobre, muito pobre, e feio, muito feio, igual ao bairro Amarelo. Em muitas sociedades indígenas, as tigelas e potes de cerâmicas foram substituídos por peças de alumínio e plástico, as indumentárias e adornos tradicionais foram trocados pelo vestuário ocidental: em que medida este fato afetou a expressão artística tradicional? Hoje, no Brasil, existem mais de 200 povos indígenas, quase todos eles produzindo artes gráficas. Os portugueses, primeiro, e depois os brasileiros, durante cinco séculos acreditaram que os índios eram atrasados e que portugueses e brasileiros representavam a civilização. Portanto, a nossa obrigação era civilizá-los, ou seja, fazer com que eles deixassem de ser índios e passassem a ser como nós. Ocorreu um verdadeiro massacre durante esses 500 anos, com o extermínio de muitas etnias. Os índios ficaram relegados, como pertencentes a um passado incômodo e distante do Brasil. Esta situação, do ponto de vista legal, foi modificada. Com a constituição brasileira de 1988, graças às organizações dos índios, a um trabalho importante da própria Igreja, ao apoio dos aliados dos índios,

que conseguiram impor o reconhecimento por parte do estado brasileiro da existência hoje dos índios e desses dois pontos básicos: 1º - que os índios são diferentes; 2º- que não se trata apenas de tolerar essa diferença; mas de estimulá-la. Essa diferença, vista no passado como atentatória à segurança nacional, hoje está sendo considerada como um elemento altamente enriquecedor da cultura brasileira.

### Quinto Equívoco: **O BRASILEIRO NÃO É ÍNDIO**



Escola Estadual Indígena Arandu Pyahu /Turvo - Arquivo DEDI/2017

Por último, o quinto equívoco é o brasileiro não considerar a existência do índio na formação de sua identidade. Há 500 anos não existia no planeta terra um povo com o nome de povo brasileiro. Esse povo é novo, foi formado nos últimos cinco séculos com a contribuição, entre outras, de três grandes matrizes: - As matrizes europeias, assim no plural,

representadas basicamente pelos portugueses, mas também pelos espanhóis, italianos, alemães, poloneses, etc; - As matrizes africanas, também no plural, da qual participaram diferentes povos como os sudaneses, yorubás, nagôs, gegês, ewes, haussá, bantos e tantos outros; - Finalmente, as matrizes indígenas, formadas por povos de variadas famílias linguísticas como o tupi, o karib, o aruak, o jê, o tukano e muitos outros. Depois, as migrações de outros povos como os japoneses, os sírio-libaneses, os turcos, vieram enriquecer ainda mais a nossa cultura. No entanto, como os europeus dominaram política e militarmente os demais povos, a tendência do brasileiro, hoje, é se identificar apenas com o vencedor – a matriz europeia - ignorando as culturas africanas e indígenas. Isso reduz e empobrece o Brasil, porque você acaba apresentando aquilo que é apenas uma parte, como se fosse o todo. O índio, no entanto, permanece vivo dentro de cada um de nós, mesmo que a gente não saiba disso. Não é só dentro do amazonense, cujas raízes indígenas são muito recentes. Olha a Vera Fischer, loura, de olhos azuis. Não seria exagerado afirmar que a Vera Fischer é tão negona quanto uma passista da escola de samba ou tão índia quando uma caboca vendedora de tacacá, e isso porque a negritude e a indianidade não é marcada pela cor da pele, pelo tipo de cabelo, pela formado nariz. Não é uma questão genética, é uma questão cultural. Na hora em que aquele descendente de um alemão lá de Santa Catarina, louro e do olho azul, começar a rir - como é que ele vai rir? De quê ele vai rir? Na hora de sentir medo - ele vai sentir

medo de quê? De onde saem seus fantasmas? Com quem ele sonha? Quando tiver que fazer suas opções culinárias, de música, de dança, de poesia, de onde é quem saem os critérios de seleção? É aí que afloram as heranças culturais, incluindo as indígenas e as negras. No entanto, se eles não veem os índios e os negros como seus antepassados é porque acabam assumindo a identidade veiculada pela ideologia dominante, que reivindica apenas a matriz europeia, que nos deu a língua que falamos e que marcou inapelavelmente nossa cultura, e da qual temos motivos para nos orgulhar. No entanto, queremos também conhecer e ter orgulho da contribuição dos povos indígenas e das diferentes culturas africanas que marcaram a nossa forma de ser.

### **As Populações Indígenas do Paraná**

Conforme dados censitários de 2010, existem atualmente, no estado do Paraná, cerca de vinte e cinco mil, novecentos e quinze índios das etnias Kaingang, Guarani e Xetá, vivendo nas 27 terras indígenas demarcadas, sendo a maioria da etnia Kaingang.

A economia dessas comunidades baseia-se na agricultura de subsistência, plantação de pomares (árvores frutíferas) e criação de ovinos e suínos. Para complementação da renda, fabricam e vendem artesanato como: cestos, balaios, arcos e flechas e outros.

Antigamente o artesanato (cestaria) era realizado para atendimento das necessidades internas, tendo apenas valor de uso. O contato com a sociedade não indígena trouxe a dependência econômica, e esta atividade adquiriu também o valor de troca. Os lucros obtidos com a venda do artesanato são utilizados para aquisição de gêneros alimentícios e eletrodomésticos, entre outros.

Atualmente, em cada terra indígena do Paraná existe um cacique, “eleito” ou indicado pelo grupo para exercer a autoridade política e fazer contatos e negociações com as autoridades da sociedade não indígena. Na escolha do cacique, considera-se a tradição, a hereditariedade, a experiência e o prestígio conquistado pela família, bem como a participação histórica desta, na liderança do grupo.

O cacique deve promover a distribuição de responsabilidades entre os membros sob sua liderança, organizar a representação da comunidade nos processos de tomada de decisão, manter os mecanismos de controle social, além de atuar como conselheiro, Fernandes 2003.

O cacique representa a comunidade em: negociações com o poder público e outras instituições, tomada de decisões, recebimento de verbas, negociações de projetos e possui as seguintes funções dentro da comunidade: autenticação de documentos, arrecadação e distribuição de donativos, organização de festas, nomeação para cargos, organização de grupos de trabalho, resolução de conflitos familiares, aconselhamento e

imposição de penalidades aos infratores das normas e regras da organização social do grupo.

Não há remuneração para a função de cacique. Seu trabalho é voluntário, seu poder e prestígio são medidos pela capacidade de conseguir/pleitear bens e serviços para a comunidade.

Alguns indígenas atuam como professores alfabetizadores, intérpretes ou no ensino das línguas Guarani ou Kaingang, o que contribui com a valorização dos conhecimentos tradicionais e com a preservação da identidade cultural.

Florêncio ReKayg Fernandes é natural da Terra Indígena Rio das Cobras, em Nova Laranjeiras é o primeiro professor indígena com mestrado concursado da rede estadual de ensino, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) cuja tese de dissertação teve como tema: Formação e Atuação de Professores Pedagogos Indígenas no Paraná. Atualmente exerce a direção da EEI Emília Jerá Poty na Terra indígena Tupã Nhá Kretã, no município de Morretes.

### ETNIA KAINGANG

Os Kaingang preferiam habitar as regiões de campos e florestas de Araucária angustifolia e tinham no pinhão sua principal fonte de subsistência. Decorridos 500 anos de contato com os não indígenas, os Kaingang preservam o idioma, batizam os filhos com nomes indígenas e raramente utilizam a pintura corporal.

É possível observar que, no interior de uma comunidade da mesma etnia, existem diferenças na organização social e política.

Pesquisadores afirmam que as atividades cotidianas como o tipo de agricultura, a caça, a cestaria, o cuidado com as crianças, a itinerância entre as áreas indígenas, a presença de casas de fogo onde vivem os mais velhos, são marcadas por distintos étnicos.

Os Kaingang acreditam que as plantas possuem inspiração, vida e poder de cura. Dizem que quando uma criança nasce ela recebe uma alma que dá vida ao corpo, mas como seu espírito é fraco, precisa de cuidados e banhos com ervas a fim de fortalecer a fixação do espírito. O nome da criança é escolhido entre os avós que tem o costume de passar os nomes de algum parente antigo, verificando os nomes que ainda não foram usados.

Entre os Kaingang, a posse da terra é coletiva, todos usufruem dos produtos plantados e colhidos nas roças.

Toda a comunidade, inclusive as crianças, participa ativamente das plantações. Os homens e meninos são responsáveis pelos roçados, limpeza do terreno, empilhamento, queima, plantio, capina e colheita.

No cultivo da mandioca, os homens abrem as covas, as mulheres colocam as ramas e as crianças cobrem os buracos. O plantio da batata-doce e de abóbora é de responsabilidade das mulheres e das crianças.

Cabiam as mulheres o preparo da comida, os cuidados com as crianças, a confecção de cerâmica e o plantio de roças nas proximidades da aldeia, onde cultivavam milho, abóbora, feijão e mandioca.

O artesanato, confecção de cestos, balaio, chocalhos, arcos e flechas, faz parte da vida Kaingang há muito tempo e envolve toda a família sendo uma fonte de renda para a sobrevivência das comunidades.

Ainda hoje os Kaingang compartilham crenças e práticas acerca de suas experiências rituais: o profundo respeito aos mortos e o apego às terras onde estão enterrados seus umbigos.

O dualismo característico dos Kaingang é exogâmico, as metades se opõem e se complementam, pois dependem uma da outra para realizar parte de seu trabalho, seus rituais e casamentos. A filiação é patrilinear e os filhos de um casamento pertencem à metade e à seção paterna. Já a residência, é matrilocal, ou seja, o jovem casal vai residir na casa do pai da esposa, pois o genro deve obrigação ao sogro.

### OS GUARANI

Os Guarani são uma etnia que fala uma língua com a mesma denominação, oriunda da família linguística tupi-guarani, do tronco Tupi. Apesar dessa unidade, de acordo com Schaden (1974), Almeida e Mura (2003), Ladeira (2008), entre outros pesquisadores, a etnia se divide em subgrupos como os Nãndeva, Kaiowá, Mbya e outros.

Fazem parte de sua organização sociocultural os deslocamentos e a mobilidade, para manterem suas relações baseadas em redes de parentesco e afinidade, o que leva à circulação de famílias pelas terras indígenas a que se estende essa rede, baseada na relação de famílias extensas. Os territórios que buscam ocupar são lugares que foram habitados por seus antepassados, elemento que faz parte de sua cosmologia. Ocupar esses espaços garante a continuidade e a manutenção do equilíbrio cósmico.

Antes da colonização, os Guarani distribuíam-se desde o litoral até o planalto paranaense, estabeleciam-se em regiões de floresta tropical e usavam áreas próximas para caça, coleta e agricultura. Permaneciam, em torno de cinco a seis anos no mesmo local, até esgotarem os recursos naturais, e retornavam após o restabelecimento da terra.

Normalmente a aldeia era composta por cinco ou seis casas comunitárias, sem divisões internas, onde viviam cerca de trinta pessoas, em cada. No interior das habitações

e nas áreas periféricas da aldeia concentravam-se as atividades das mulheres. No centro da aldeia existia a casa de reza, onde eram realizados os rituais religiosos.

Produziam cerâmica, redes e cestas de fibras e de taquara e fiavam algodão para confecção de roupas. Ainda hoje os Guarani mantêm laços de parentesco e afinidade com aldeias distantes e preservam a língua e a cultura. Algumas comunidades indígenas Guarani do Paraná não falam mais a língua materna, nem praticam a religião tradicional.

Entre os Guarani também existem diferenças na estrutura linguística, costumes, rituais, organização política e social, orientação religiosa, interpretação da realidade e modo de interagir. Embora existam questões como: território, religião, concepção de infância, importância da oralidade, papel central dos cantos, instrumentos musicais e da dança, que perpassam a maior parte dos grupos, é necessário observar que cada grupo tem suas particularidades. Para os Guarani o comportamento depredador mostrado pela sociedade não indígena e visto como um mal irreparável. Porém, os Guarani acreditam que a terra pode ser reumanizada quando houver boa água, uma casa e um pátio com possibilidade de desenvolver atividades religiosas, cantos e danças.

O povo Guarani consegue recriar espaços ecológicos semelhantes aos tradicionais, que lhes sejam verdadeiros que são identificados como *tekoá*. Podemos qualificar *tekoá* como o lugar que reúne condições físicas (geográficas e ecológicas como matas preservadas, solo para agricultura, nascentes, etc) e estratégicas que permitem compor, a partir de uma família extensa com chefia espiritual própria, um espaço político-social fundamentado na religião e na agricultura de subsistência. (Ladeira, 1992, 97).

Entre os Guarani a figura do xamã (sacerdote, rezador, curador, txeru ou pajé) é importantíssima. Estes se formam pela inspiração, aprendizagem, iniciação, e, principalmente, pela revelação divina que acontece quando há a devoção. Após o contato com a sociedade não indígena, os xamãs passam a ser responsáveis pela religião, enquanto os caciques e lideranças cuidam da política e demais atividades.

Os Guarani acreditam que Nhanderu (Deus) os fez especialmente para cantar e dançar. A música, o cantar, o executar dos instrumentos tem caráter invocatório e tem o papel de atingir a escuta dos deuses.

O artesanato guarani é feito representando animais típicos da fauna paranaense em madeira pirogravada: marcada a brasa.

Por meio do convívio familiar, de jogos e exemplos, a criança Guarani aprende a conhecer e distinguir os comportamentos considerados adequados dos desaprovados pelo grupo.

### OS XETÁ

Desde o final do século XIX, existem relatos sobre indígenas, denominados Xetá, no centro sul do Paraná. Este grupo indígena foi oficialmente contatado pelo Serviço de Proteção aos Índios, atual FUNAI, na região da Serra dos Dourados no noroeste do Paraná, na década de 1950.

Pesquisadores contaram 60 indivíduos Xetá quando realizaram estudos linguísticos sobre a cultura e a língua dessa etnia. Estudos mais recentes constataram que a situação social e econômica vivenciada pelos Xetá naquele momento, justificava-se pelos constantes deslocamentos do grupo, provocados pela expansão cafeeira.

O pesquisador tcheco Vladimir Kozák documentou em detalhes o cotidiano destes povos por meio de filmes, fotografias, pinturas em tela e desenhos, além de produzir textos e coletar objetos, que formam o acervo do Museu Paranaense e do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR.

A organização social da comunidade Xetá **baseia-se\*** no sistema de parentesco e na divisão sexual do trabalho. Algumas atividades **são** exercidas exclusivamente pelos homens como: caça, construção de habitações e armadilhas, produção de instrumentos, além da segurança e defesa do território. Os meninos Xetá desde muito cedo **aprendem\*** com os pais as atividades consideradas masculinas, principalmente o manejo do arco e flecha. São consideradas atribuições femininas: preparo do alimento, transporte de carga e do alimento e cuidado com seus filhos. A coleta, tecelagem e cestaria **são** atribuições exercidas por ambos os sexos.

A subsistência dos Xetá era garantida por meio da caça e da coleta. Sua dieta alimentar baseava-se principalmente em produtos disponíveis durante o ano todo, como cocos de palmeiras, frutos e mel de abelhas silvestres.

Entre os alimentos constavam diversas espécies de tubérculos, fungos de árvores, frutos silvestres, banana de macaco, jacaratiá, jabuticaba, gabirola, pitanga. Também faziam parte da dieta Xetá algumas espécies de insetos, besouros, pirilampos e larvas de troncos de palmeiras. Estas iguarias são consumidas até hoje, após serem tostadas sobre a brasa.

Os Xetá **caçam ou capturam\*** diversas espécies de répteis, mamíferos e aves. Entre os animais caçados, destacam-se a queixada, o caititu, os macacos e aves, como o tucano, arara jacu e mutum. Nas armadilhas **apreendem\*** o tatu, a cotia, a lontra, o quati, o tamanduá, a jaguatirica, os preás, as antas e as onças, além de cágados, lagartos e cobras.

Os Xetá **apreciam\*** a companhia de animais, que costumam criar, como gaviões, corujas, morcegos, aves, borboletas, cigarras e besouros.

Na terapêutica tradicional, os Xetá **utilizam\*** mistura de palmito quente com mel para

dores de garganta. **Utilizam\*** também folhas de erva-mate misturadas com água, a qual é empregada como unguento ou loção refrescante na cura de dores musculares, febre, ferimentos e eczemas. Para curar dores de estômago, **fricciona-se\*** o abdômen com as patas das onças, doenças de pele são tratadas com cinzas de pele de onça, friccionadas sobre o rosto ou corpo do paciente. Para dores de dentes **esfrega-se** sobre a área afetada partes de certas aves, como o pé de jacu ou as unhas de coruja anã. **Curam-se\*** dores de cabeça pressionando-se com os pés a cabeça da pessoa afetada. Contra picadas de cobra, **aplicam** três torniquetes no membro picado, geralmente a perna. A seguir, uma série de procedimentos são executados sobre o local da picada: banho com kukuay (folhas de erva-mate defumadas e secas, socadas no pilão e ingeridas com água) e suco de palmito, esfregação com cinzas de onça queimado, abanação com pele de onça ou com gavião vivo.



### ATENÇÃO:

Tomamos a liberdade de alterar, no texto acima, alguns verbos que expressam ações e práticas do povo Xetá, por conhecer que indígenas dessa etnia residem no Estado do Paraná, nos dias de hoje, e procuram manter seus saberes, tradições e cultura vivos, apesar de dividirem espaço com os povos Kaingang e Guarani.

Texto na íntegra em:

<http://www.museuparanaense.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=68>



### PRATIQUE:

Com base nas discussões feitas até aqui, pesquise as influências dos indígenas na vida dos brasileiros: alimentação, nomes de cidades, de pessoas, rios, costumes, artesanatos, etc.



### SAIBA MAIS:

Vídeo: Edson Kayapó desmistifica conceitos indígenas - estabelecer relação com os textos trabalhados nas atividades presenciais.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-xv0QznkQdw>

### É BOM SABER:



1. A origem do termo índio
2. A origem do termo tribo
3. O que diz a Lei 11.645/08?
4. Há indígenas no município onde moram? Qual a etnia? Que língua falam?
5. Como o indígena é representado nos livros didáticos do Ensino Fundamental?

### Referência Bibliográfica

FREIRE, José Ribamar Bessa. Cinco ideias equivocadas sobre os índios. In: Educação, cultura e relações interétnicas/Ahyas Siss, Aloisio Jorge de Jesus Monteiro (orgs); Amparo Villa Cupolillo[et al.]- Rio de Janeiro: Quartet: EDUR, 2009.

### Sites pesquisados

<http://ktommasino.blogspot.com.br/2011/03/os-kaingang-e-os-guarani-noparana.html>

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/88422/275237.pdf?sequence=1>

<http://indigenas.ibge.gov.br/>

<http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>

<https://educacaobilingue.com/2010/01/17/indigena/>

<https://pib.socioambiental.org/pt/c/0/1/2/populacao-indigena-no-brasil>

### Povos indígenas conhecer para valorizar:

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Tf-tOJGRYOI>

### Índio é atrasado:

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0jaRI0KOrms>

### Índio parou no tempo:

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=VZmWUF3e75I>

### Índio é passado:

Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=XhZPOcYy6Wk>

### Construindo pontes:

Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=IPqYxU9dd\\_M](https://www.youtube.com/watch?v=IPqYxU9dd_M)

### Pajerama:

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BFzv0UhHcS0>

### Olhar Indígena - Daniel Munduruku fala sobre Educação Indígena:

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WSyjdc4QKsE>

## HISTÓRIA E CULTURA CIGANA



### REFLITA:

O que voce sabe sobre os ciganos?

### Os Ciganos Hoje

Imagina-se que existam 15 milhões de ciganos espalhados pelo mundo. Como tudo relacionado a esse universo, essa é só uma estimativa – eles vivem à margem da sociedade e não costumam participar de pesquisas de censo demográfico.

E isso, por si só, já é uma polêmica. Em maio deste ano, o premiê italiano, Silvio Berlusconi, autorizou que fosse feito um censo especial para mapear a presença de ciganos sem moradia fixa na periferia das grandes cidades italianas. O censo incluiria dados como etnia, religião e impressão digital – que não são exigidos na identidade dos italianos. Os ciganos saíram às ruas em protesto, argumentando que essa seria uma ferramenta racista e discriminatória.

A medida foi considerada ilegal pelo Parlamento Europeu, já que impõe exigências desiguais a cidadãos do bloco. Mas os ciganos continuam com medo de serem expulsos do país, ainda que um terço dessa população não seja nem mesmo imigrante.

O receio é justificável: desde o século 15 os ciganos não têm um momento de folga. Até o século 19, eles foram escravizados na região onde hoje é a Romênia. Durante a 2ª Guerra Mundial, foram perseguidos pelos nazistas, sendo, de acordo com alguns historiadores, o povo mais dizimado pelo Holocausto: de um milhão de ciganos que vivia na Europa, 500 mil foram assassinados. Muitos dos sobreviventes emigraram para os EUA, daí a lei que impedia sua entrada no estado de Nova Jersey, que só foi abolida nos anos 90.

O primeiro grupo de ciganos, de maioria calon, chegou por aqui no século 16, deportados de Portugal. Os rom vieram de forma voluntária a partir da 2ª metade do século 19 .

Durante o século XIX, foram relatados os primeiros contatos com ciganos no território brasileiro. Após autorização do Marquês de Pombal, diplomata e estadista português, eles começaram a entrar nas terras do País, onde se dividiram nos seguintes grupos: Calón (da Península Ibérica), Rom e os Sinti - Manuches (da Alemanha, Itália, França). Apesar da imprecisão dos dados, são estimados aproximadamente 600 mil/800 mil ciganos presentes no Brasil.

### Rom ou Roma

Predominantes nos países balcânicos, principalmente na Romênia, falam romani, a mais conhecida das línguas ciganas, e é o grupo mais estudado pelos pesquisadores. São divididos em subgrupos: kalderash, matchuaia, curcira, entre outros.

### Sinti

Também chamados de manouch, são mais numerosos na Itália, no sul da França e na Alemanha. Falam a língua Sintó, para alguns pesquisadores, uma variação do Romani. Não há estudos que apontem a presença significativa desse grupo no Brasil.

### Calon ou Kalé

Conhecidos por “ciganos ibéricos”, já que viviam na Espanha e em Portugal antes de se espalhar pelo resto da Europa e da América do Sul. São os criadores do flamenco e responsável pela popularização da figura da dançarina cigana. Falam a língua Caló e são o grupo mais numeroso do Brasil.



Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/a-saga-cigana>



### SAIBA MAIS:

Assista a webconferência: Equívocos e Verdades sobre os assim Chamados Ciganos.

Disponível em <https://goo.gl/BXQ8sT>



### PRATIQUE:

Você conhece as Leis vigentes e como elas asseguram os ciganos, o acesso à escolarização?

### Constituição Federal de 1988

► **Art. 215:** Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o

desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte:

O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

§ 2º A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais.

§ 3º A lei estabelecerá o Plano Nacional de Cultura, de duração plurianual, visando ao desenvolvimento cultural do País e à integração das ações do poder público que conduzem à: (Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005)

I defesa e valorização do patrimônio cultural brasileiro; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005)

II produção, promoção e difusão de bens culturais; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005)

III formação de pessoal qualificado para a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005)

IV democratização do acesso aos bens de cultura; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005)

V valorização da diversidade étnica e regional. (Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005).

Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)

► **Art. 216:** Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1º O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2º Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem. (Vide Lei nº 12.527, de 2011)

§ 3º A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4º Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)

► **Art. 3. IV:** Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil:

IV - promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação.

Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)

► **Resolução 03/05/2012:** Define diretrizes para o atendimento de educação escolar para populações em situação de itinerância. O Presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, no uso de suas atribuições legais, e de conformidade com o disposto na alínea “c” do § 1º do art. 9º da Lei nº 4.024/61, com a redação dada pela Lei nº 9.131/95, e com fundamento no Parecer CNE/CEB nº 14/2011, homologado por Despacho do Senhor Ministro de Estado da Educação, publicado no DOU de 10 de maio de 2012, Considerando o que dispõe a Constituição Federal de 1988; a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96); o Plano Nacional de Direitos Humanos de 2006; o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/90); a Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho sobre Povos Indígenas e Tribais, promulgada no Brasil, por meio do Decreto nº 5.051, de 19 de abril de 2004; o Código Civil Brasileiro (Lei nº 10.406/2002) e a Convenção sobre os Direitos da Criança, ratificada pelo Brasil por meio do Decreto nº 99.710, de 21 de

novembro de 1990; RESOLVE: Art. 1º As crianças, adolescentes e jovens em situação de itinerância deverão ter garantido o direito à matrícula em escola pública, gratuita, com qualidade social e que garanta a liberdade de consciência e de crença. Parágrafo único. São considerados crianças, adolescentes e jovens em situação de itinerância aquelas pertencentes a grupos sociais que vivem em tal condição por motivos culturais, políticos, econômicos, de saúde, tais como ciganos, indígenas, povos nômades, trabalhadores itinerantes, acampados, circenses, artistas e/ou trabalhadores de parques de diversão, de teatro mambembe, dentre outros. Art. 2º Visando à garantia dos direitos socioeducacionais de crianças, adolescentes e jovens em situação de itinerância os sistemas de ensino deverão adequar-se às particularidades desses estudantes. Art. 3º Os sistemas de ensino, por meio de seus estabelecimentos públicos ou privados de Educação Básica deverão assegurar a matrícula de estudante em situação de itinerância sem a imposição de qualquer forma de embarço, preconceito e/ou qualquer forma de discriminação, pois se trata de direito fundamental, mediante autodeclaração ou declaração do responsável. § 1º No caso de matrícula de jovens e adultos, poderá ser usada a autodeclaração. § 2º A instituição de educação que receber matrícula de estudante em situação de itinerância deverá comunicar o fato à Secretaria de Educação ou a seu órgão regional imediato. Art. 4º Caso o estudante itinerante não disponha, no ato da matrícula, de certificado, memorial e/ou relatório da instituição de educação anterior, este deverá ser inserido no (\*) Resolução CNE/CEB 3/2012. Diário Oficial da União, Brasília, 17 de maio de 2012, Seção 1, p. 14. grupamento correspondente aos seus pares de idade, mediante diagnóstico de suas necessidades de aprendizagem, realizado pela instituição de ensino que o recebe. § 1º A instituição de educação deverá desenvolver estratégias pedagógicas adequadas às suas necessidades de aprendizagem. § 2º A instituição de ensino deverá realizar avaliação diagnóstica do desenvolvimento e da aprendizagem desse estudante, mediante acompanhamento e supervisão adequados às suas necessidades de aprendizagem. § 3º A instituição de educação deverá oferecer atividades complementares para assegurar as condições necessárias e suficientes para a aprendizagem dessas crianças, adolescentes e jovens. Art. 5º Os cursos destinados à formação inicial e continuada de professores deverão proporcionar aos docentes o conhecimento de estratégias pedagógicas, materiais didáticos e de apoio pedagógico, bem como procedimentos de avaliação que considerem a realidade cultural, social e profissional do estudante itinerante como parte do cumprimento do direito à educação. Art. 6º O poder público, no processo de expedição do alvará de funcionamento de empreendimentos de diversão itinerante, deverá exigir documentação comprobatória de matrícula das crianças, adolescentes e jovens cujos pais ou responsáveis trabalhem em tais empreendimentos. Art. 7º Os Conselhos Tutelares existentes na região, deverão acompanhar a vida do estudante itinerante no que se refere ao respeito, proteção e promoção dos seus direitos sociais, sobretudo ao direito humano à educação. Art. 8º Os Conselhos da Criança e do Adolescente deverão acompanhar o percurso escolar do

estudante itinerante, buscando garantir-lhe políticas de atendimento. Art. 9º O Ministério da Educação deverá criar programas, ações e orientações especiais destinados à escolarização de pessoas, sobretudo crianças, adolescentes e jovens que vivem em situação de itinerância. § 1º Os programas e ações socioeducativas destinados a estudantes itinerantes deverão ser elaborados e implementados com a participação dos atores sociais diretamente interessados (responsáveis pelos estudantes, os próprios estudantes, dentre outros), visando o respeito às particularidades socioculturais, políticas e econômicas dos referidos atores sociais. § 2º O atendimento socioeducacional ofertado pelas escolas e programas educacionais deverá garantir o respeito às particularidades culturais, regionais, religiosas, étnicas e raciais dos estudantes em situação de itinerância, bem como o tratamento pedagógico, ético e não discriminatório, na forma da lei. Art. 10 Os sistemas de ensino deverão orientar as escolas quanto à sua obrigação de garantir não só a matrícula, mas, também, a permanência e, quando for o caso, a conclusão dos estudos aos estudantes em situação de itinerância, bem como a elaboração e disponibilização do respectivo memorial. Art. 11 Os sistemas de ensino, por meio de seus diferentes órgãos, deverão definir normas complementares para o ingresso, permanência e conclusão de estudos de crianças, adolescentes e jovens em situação de itinerância, com base na presente resolução.

Disponível em: <http://mobile.cnte.org.br:8080/legislacao-externo/rest/lei/91/pdf>



### SAIBA MAIS:

O Dia Nacional do Cigano é celebrado no dia 24 de maio - Decreto 25/05/2006.



### PRATIQUE:

**Conversar com a família e verificar se ouviram alguma história sobre os povos ciganos.**

**Pesquisar sobre a cultura, a religiosidade e os costumes e nomadismo do povo cigano.**

O que é nomadismo cigano ?

Independente do material pesquisado, o objetivo é conhecer o histórico de perseguição dos ciganos e de que forma esse fato se relaciona com o modo de vida nômade desse povo



Feminicídio é o assassinato de uma mulher pela condição de ser mulher. Suas motivações mais usuais são o ódio, o desprezo ou o sentimento de perda do controle e da propriedade sobre as mulheres, comuns em sociedades marcadas pela associação de papéis discriminatórios ao feminino, como é o caso brasileiro. Feminicídio - Dossiê Violência contra as Mulheres

[www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/violencias/feminicidio/](http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/violencias/feminicidio/)



### SAIBA MAIS:

Leituras complementares:

- **A História Esquecida dos Ciganos no Brasil**

Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/11192/6329>

- **Anticiganismo – Os Ciganos na Europa e no Brasil**

Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/a/pdf/1\\_fmanticiganismo2011.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/a/pdf/1_fmanticiganismo2011.pdf)

- **História do Povo Cigano Angus Fraser, Teorema (Portugal), 1997.**

Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/a-saga-cigana/>

- **História dos Ciganos no Brasil**

Disponível em: [http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/a/pdf/rct\\_historiaciganosbrasil2008.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/sos/ciganos/a/pdf/rct_historiaciganosbrasil2008.pdf)

- **Ciganos: Documento Orientador para os Sistemas de Ensino.**

Disponível em: [file:///C:/Users/daiserech.SEED/Downloads/copy\\_of\\_secadi\\_ciganos\\_documento\\_orientador\\_para\\_sistemas\\_ensino%20\(7\).pdf](file:///C:/Users/daiserech.SEED/Downloads/copy_of_secadi_ciganos_documento_orientador_para_sistemas_ensino%20(7).pdf)



### PRATIQUE:

Todos os dias acontecem situações de violência, geradas especificamente em razão de questões de gênero. Espancamento de mulheres, estupro, feminicídios, ataques contra homossexuais, travestis, transexuais e suicídios cometidos em razão da orientação sexual ou por identidade de gênero, são exemplos destas violências. Pesquise, anote ou imprima e traga para o próximo encontro, alguma notícia de jornal ou da internet, semelhante aos casos acima citados. Este material será utilizado para estudos da Unidade 3.

## GÊNERO E SEXUALIDADES NO AMBIENTE ESCOLAR

### Refletindo sobre o nosso fazer na escola...

Os funcionários e as funcionárias das escolas também são educadores e educadoras. No espaço da escola, você está em contato privilegiado com os alunos e com as alunas.

São vocês que presenciam quando um aluno ou uma aluna sai da sala de aula chorando e se dirige para o banheiro, quando corre para pedir “socorro” à equipe pedagógica ou quando tenta pular o muro para sair da escola sem ser percebida/o.

É você, funcionário ou funcionária da escola, que presencia os primeiros namoricos, mãos dadas, beijos pelos corredores ou no fundo da quadra.

Presencia também as brigas, os rompimentos dolorosos, as ameaças, o bullying e até mesmo os atos infracionais.

Muitas vezes, é confidente sobre os problemas familiares, sobre falta de dinheiro, sobre projetos futuros e inclusive sobre dores e amores que os alunos e as alunas enfrentam no seu cotidiano.

Quantas vezes você incentivou um jovem a não desistir dos estudos, a tentar novamente, a persistir?

Quantas vezes soube, em primeira mão, que uma jovem aluna estava grávida e buscou orientá-la ou apoiá-la?

Por estas e por inúmeras outras razões é muito importante falar sobre GÊNERO com você!



### PRATIQUE:

#### DINÂMICA:

#### JOGO DO PRIVILÉGIO

Esta atividade visa conduzir à reflexão e à percepção sobre como as diferenças de gênero, orientação sexual, identidade de gênero, raça, cor, etnia podem determinar os privilégios ou desvantagens das pessoas na sociedade.

Não se trata de atribuir rótulos aos participantes, pois as perguntas podem ser respondidas de acordo com a “vida real” ou com o que a/o cursista quiser responder.

Deve ficar explícito que o objetivo não é classificar ou julgar as/os participantes, mas perceber como os preconceitos e as desigualdades produzidas e reproduzidas pela sociedade, geram impactos na vida das pessoas.

### PROVIDÊNCIAS:

Marcar com fita crepe, no chão da sala ou da quadra nove linhas.

- a) As/os cursistas deverão se posicionar na linha de largada.
- b) A cada pergunta feita pela/o tutora/or, as/os cursistas avançam ou recuam, conforme os comandos.

### PERGUNTAS

1. Você concluiu o Ensino Fundamental? (4 passos para frente);
2. Você consegue andar pelas ruas sem sentir medo de assédio sexual? (1 passo para frente);
3. Você foi pai solteiro ou mãe solteira? (2 passos para trás);
4. Você concluiu o Ensino Médio? (2 passos para frente);
5. Você consegue demonstrar afeto, em público, por seu/sua companheiro/a romântico/a, sem sentir medo de ridicularização ou de violência? (2 passos para frente);
6. Você já sofreu algum tipo de discriminação por causa da sua raça, cor, etnia? (2 passos para trás);
7. Você já precisou deixar de estudar ou de trabalhar em razão do nascimento de filhos ou por causa de algum relacionamento afetivo (namoro/casamento)? (2 passos para trás);
8. Você vem de um ambiente familiar que te apoia? (1 passo para frente);
9. Você já foi vítima ou já se sentiu ofendida/o por piadas pelo fato de ser homem, de ser mulher ou de ser homossexual? (2 passos para trás);
10. Ao cometer erros, as pessoas atribuem estes ao seu gênero ou à sua raça? (1 passo para frente);
11. Você já foi a única pessoa da sua cor, raça ou orientação. para frente);
11. Você já foi a única pessoa da sua cor, raça ou orientação.

### AGORA É A HORA DE CONVERSAR UM POUCO:

- Quais são as conclusões que se pode tirar a partir da experiência?
- Todas as pessoas têm os mesmos direitos assegurados? Todas/os são iguais?
- O que é privilégio? Alguém, a partir do jogo, sentiu-se privilegiado?
- A partir desta sensibilidade e desta percepção, o que muda no seu olhar aos estudantes?
- Existem situações ou ocorrências na escola que geram exclusão ou privilégios?
- Qual é a possibilidade de os Agentes Educacionais I adotarem posturas inclusivas nas suas práticas diárias? Exemplifique ações já ocorridas.



### VÍDEOS DE APOIO:

JOGO DO PRIVILÉGIO BRANCO.

<http://www.sociologia.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=20247>

QUAL O SEU LUGAR DE PRIVILÉGIO?

<http://www.sociologia.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=20109>

Os vídeos apresentam uma dinâmica que possibilita compreender e refletir sobre as desigualdades de gênero, orientação sexual, identidade de gênero, raça, cor, etnia, territorialidade.

Observar, refletir sobre elas e compreender que são resultado de processos históricos e culturais é um dos primeiros passos para buscar mudanças nessas relações.



### PRATIQUE:

#### Vídeo: Na batida do Coração

Nesta atividade, vamos assistir ao vídeo: In a heartbeat – animated shot film, disponível no *link*:

<http://www.sociologia.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=20245>

#### Vamos conversar sobre o vídeo?

**No vídeo, o coração é personificado. Ele salta do peito e vai em direção ao ser amado. Fica partido, se recompõe e volta para o peito do menino.**

- O coração simboliza o aspecto emocional ou racional do ser humano?
- O menino tenta “conter” o seu coração? Ele consegue? Por que não?
- Você já passou por isso? Já se apaixonou? O sentimento do ser apaixonado pode ser comparado às emoções vivenciadas pelo menino (observe as expressões faciais da personagem – vamos assistir novamente?).
- O sentimento amoroso é exclusivo para relacionamentos entre homens e mulheres?
- Quais são as outras possibilidades?

### Entendendo alguns conceitos sobre gênero e sexualidade<sup>1</sup>

**HOMOSSEXUAL:** é a pessoa que tem atração sexual ou se relaciona com pessoas do mesmo gênero. (homem com homem - gay) (mulher com mulher - lésbica).

**HOMOFOBIA:** termo usado para se referir ao desprezo, ao ódio e/ou à violência contra as pessoas homossexuais.

**HOMOAFETIVIDADE:** termo utilizado para descrever relações entre pessoas do mesmo sexo/gênero e tem relação com os aspectos emocionais e afetivos envolvidos na relação amorosa entre as pessoas;



Foto: Geledes. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/homofobia-odio-dos-homossexuais/>>. Acesso em 12 de setembro de 2017.

**HETEROSSEXUAL:** quem tem atração sexual por pessoas do sexo/gênero oposto ao seu, podendo ou não ter relacionamento afetivo-sexual com elas. (homem com mulher)

**BISSEXUAL:** pessoa que tem desejos, práticas sexuais e/ou relacionamento afetivo-sexual com pessoas de ambos os sexos, ou seja, pode se relacionar tanto com homens quanto com mulheres.

**TRAVESTI E/OU TRANSEXUAL:** pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento.

**TRANSGÊNEROS OU PESSOAS TRANS:** são termos utilizados para reunir, numa só categoria, travestis e transexuais e também para designar sujeitos que realizam trânsito entre um gênero e outro.

**HETERONORMATIVIDADE:** termo que expressa a ideia de que apenas o padrão de conduta heterossexual é válido socialmente (padrão homem/mulher), fomentando a discriminação a quem possui uma orientação sexual diferente da heterossexual.

<sup>1</sup> Extraído de: PARANÁ. Plano Estadual de Políticas Públicas para a Promoção e Defesa dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) do Paraná. Imprensa Oficial. 2013. p. 43/50.

### A realidade dramática nas escolas: sexualidade e exclusão



#### REFLITA:

**A situação de sofrimento é grave.**

**Você consegue se imaginar no lugar de uma vítima de homofobia?**

Sobre violência e exclusão, sugere-se a leitura de dois fragmentos do texto de Rogério Diniz Junqueira, publicados no Caderno Pedagógico denominado “**Corpos, gêneros e sexualidade: questões possíveis para o currículo escolar**”:

[...]No Brasil, entre 1963 e 2001, 2.092 pessoas foram assassinadas pela simples razão de serem homossexuais ou transgêneros. Em 2003 foram registrados 125 assassinatos homofóbicos ou transgêneros contra 169 no ano seguinte. São dados certamente subestimados, pois faltam informações sobre alguns estados e muitas mortes de homossexuais não são divulgadas pela imprensa. A média brasileira fica, assim, em torno de **um assassinato homofóbico registrado a cada três dias**.

Importantes estudos realizados em diversos países europeus e na América do Norte mostram que a incidência do risco de suicídio entre adolescentes é extremamente maior entre homossexuais.

Nos EUA, 62,5% dos adolescentes que tentam suicídio são homossexuais. Ali e no Canadá, pessoas entre 15 e 34 anos homossexuais tem de 4 a 7 vezes mais riscos de suicidarem-se do que seus coetâneos heterossexuais.

Na França, onde o suicídio é a segunda causa de mortes entre pessoas de 15 a 34 anos, as probabilidades de um/a homossexual terminar com a sua vida são 13 vezes maiores do que as de um seu/sua coetâneo/a heterossexual da mesma condição social. De cada três indivíduos franceses que cometem uma tentativa de suicídio, um é homossexual (BAGLEY e RAMSEY, 1997; VERDIER e FIRDION, 2003).

Segundo a Anistia Internacional, nos Estados Unidos, estudantes LGBT recebem, em média, 26 insultos por dia, 80% sofrem “grave isolamento social”, 53% ouvem comentários homofóbicos por parte de professores e da administração, 28% deixam a escola antes de obter o diploma (a evasão entre estudantes heterossexuais é de 11%), 19% são vítimas de agressões físicas na escola. Em 97% dos casos, não se registram intervenções por parte do corpo docente e, em 40 estados, professores/as podem ser demitidos/as em função de serem LGBT<sup>2</sup>.

TEXTO EXTRAÍDO DE:

RIBEIRO, Paula Regina Costa e QUADRADO, Raquel Pereira (org). **CORPOS, GÊNEROS E SEXUALIDADES: questões possíveis para o currículo escolar**. Caderno Pedagógico. 3ª ed. Revisada. Rio Grande: Editora FURG, 2013, p. 50/51

<sup>2</sup> Nos EUA, 3 a 5% da população se identifica como LGBT entretanto, 42% dos/as jovens que vivem nas ruas são LGBT (700 mil pessoas). 25% deles/as foram expulsos/as de casa por sua família. Vide: RAY (2006). LOURO (2004).

### Conceituando - O que é homofobia?

O termo “homofobia” é comumente usado em referência a um conjunto de emoções negativas (tais como aversão, desprezo, ódio, desconfiança, desconforto ou medo), que costumam produzir ou vincular-se a preconceitos e mecanismos de discriminação e violência contra pessoas homossexuais, bissexuais e transgêneros (em especial, travestis e transexuais) e, mais genericamente, contra pessoas cuja expressão de gênero não se enquadra nos modelos hegemônicos de masculinidade e feminilidade. A homofobia, portanto, transcende a hostilidade e a violência contra LGBT e associa-se a pensamentos e estruturas hierarquizantes relativas a padrões relacionais e identitários de gênero, a um só tempo sexista e heteronormativos.

Também, de formas sutis e variadas – e sempre de maneira insidiosa – a homofobia faz parte de nossas rotinas diárias. Ela é consentida e ensinada em nossas escolas. Está no livro didático e perpassa nossas concepções curriculares e as relações pedagógicas. Aparece na hora da chamada, nas brincadeiras e nas piadas (aparentemente “inofensivas” e até usadas como instrumento didático). Está nos bilhetinhos, carteiras, quadras, paredes dos banheiros, na dificuldade de acesso ao banheiro. Move muitas brigas no intervalo e no final das aulas. Está nas rotinas de ameaças, intimidação, chacotas, humilhação, marginalização, exclusão, etc...

TEXTO EXTRAÍDO DE:  
RIBEIRO, Paula Regina Costa e QUADRADO, Raquel Pereira (org). CORPOS, GÊNEROS E SEXUALIDADES: questões possíveis para o currículo escolar. Caderno Pedagógico. 3ª ed. Revisada. Rio Grande: Editora FURG, 2013, p. 50/51

### Existe homofobia na nossa escola? Como ela se manifesta? Observação dos espaços escolares



#### REFLITA:

**Que tipo de piadinhas e de atitudes homofóbicas você já presenciou na escola? Como os/as vítimas reagem?**

**Você acha que as condutas homofóbicas podem levar alguns alunos a abandonarem os estudos?**

**Entender o que é homofobia e as suas consequências para as/os estudantes pode fazer com que as/os Agentes Educacionais tenham atitudes mais respeitadas e acolhedoras? Como?**



## PRATIQUE:

### Observação dos espaços escolares

- Quais são as principais situações de conflito que você presencia e/ou vivencia pelos corredores da escola com relação às/aos estudantes? (*enumere em ordem crescente de 1 a 4, começando com o número 1 para o que ocorre com mais frequência*)
  - ( ) namoro/ briga de namorados;
  - ( ) situações de discriminação ou *bullying* em razão de homossexualidade e/ou transexualidade;
  - ( ) ameaça dos familiares em razão da sexualidade das/os jovens – por causa de namoro e ou orientação sexual;
  - ( ) situações de gravidez e/ou aborto na adolescência;
- Na sua escola, quando uma adolescente está grávida, ela encontra acolhimento? Como? Quais são os direitos das estudantes que se tornam mães?
- Na sua escola existem alunos trans (travestis e/ou transexuais), lésbicas, gays? Como é o acolhimento a estas/es aluna/os?

## Sensibilidade sobre a temática

Vamos assistir ao vídeo abaixo e ler o poema

### POEMA SOBRE GÊNERO

Será mesmo que o respeito anda mesmo em desuso,  
pra mim soa tão confuso, essa tal necessidade,  
de alguém que é diferente, enfrentar um mar de gente,  
lutando por igualdade, e talvez essa igualdade, essa tal  
pluralidade,  
seja a mais pura vontade de viver a liberdade, de ser só o que  
se é,  
de ser homem, de ser mulher, de ser quem você quiser,  
de ser alguém de verdade.

Seja trans seja transparente, seja simplesmente gente,  
mesmo que alguém lhe julgue diferente, mesmo que você  
mesmo se julgue diferente,  
eu reforço, seja gente, urgente.

Há quem nasceu pra julgar, há quem nasceu pra amar.  
E é tão simples entender de qual lado a gente tá!  
Do lado certo meu povo, o lado certo é amar,  
amar para respeitar, amar para tolerar,  
amar para compreender que ninguém tem o dever de ser igual a você,  
apenas seja, enfrente essa peleja.

Contra uma sociedade que se acha no direito de lhe julgar por maldade.  
Seja de verdade, afinal da sua alma do seu corpo e da sua identidade é você e só você que possui  
autoridade.

Bráulio Bessa 17/02/2017



Poema sobre gênero  
Bráulio Bessa

O poema refere-se às críticas sofridas pelas pessoas trans em razão da incompreensão e/ou desconhecimento sobre o tema da Identidade de Gênero.

Acesse: <http://www.sociologia.seed.pr.gov.br/modules/video/showVideo.php?video=20246>



### SAIBA MAIS:

A **identidade de gênero** refere-se a algo que não é dado e sim construído por cada indivíduo a partir dos elementos fornecidos por sua cultura: o fato de alguém se sentir masculino e/ou feminino. Isso quer dizer que não há um elo imediato e inescapável entre os cromossomos, o órgão genital, o aparelho reprodutor, os hormônios, enfim o corpo biológico em sua totalidade, e o sentimento que a pessoa possui de ser homem ou mulher. (BRASIL, p. 14 e 15, 2011)

A **orientação sexual**, aqui entendida como a seta ou direção para onde aponta o desejo erótico de cada pessoa, pode ser **homossexual**, quando se deseja alguém do mesmo sexo, **bissexual**, quando se desejam ambos os sexos, ou **heterossexual**, quando o objeto do desejo é do outro sexo. A orientação sexual é uma atração espontânea e não influenciável que só pode ser conhecida plenamente pelo indivíduo que a vivencia. (BRASIL, p. 15, 2011)

**Preconceito:** “É uma opinião preestabelecida, que é imposta pelo meio, época e educação. Ele regula as relações de uma pessoa com a sociedade.” (SANT’ANA, p. 06, 2005)

**Discriminação:** “Tratamento pior ou injusto dado a alguém devido a características pessoais, preconceito, intolerância. Ato ou atitude que quebra o princípio de igualdade, como distinção, exclusão, restrição ou preferência, motivado por raça, cor, sexo, idade, credo religioso, convicções políticas entre outros.” (HOUAISS, p.1053, 2001)

“Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. Todos os direitos humanos são universais, interdependentes, indivisíveis e inter-relacionados. A orientação sexual e a identidade gênero são essenciais para a dignidade e humanidade de cada pessoa e não devem ser motivo de discriminação ou abuso”. PRINCÍPIOS DE YOGYAKARTA

[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/principios\\_yogyakarta.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/principios_yogyakarta.pdf)



### PRATIQUE:

#### Refletindo sobre as palavras do poeta, responda:

Na infância ou juventude você sentiu ou foi vítima de opressão em razão do seu gênero? Sim ou não

- (     ) Você podia jogar bola ou praticar todos os esportes?
- (     ) podia “andar sozinha/o” na rua?
- (     ) você era proibido/a de namorar?
- (     ) precisava auxiliar ou fazer as tarefas domésticas?
- (     ) tinha as suas emoções reprimidas (choro, dor, medo)?
- (     ) precisava cuidar de irmãos menores ou de idosos?
- (     ) foi impedida/o de frequentar a escola a partir de determinada idade;
- (     ) era vítima de piadas ou de repressão quando manifestava os seus sentimentos?

É comum a família, a escola e/ou a sociedade ditar normas sobre a alma, o corpo ou a identidade e sexualidade das pessoas? Como isso acontece?

Tantas normas e imposições são expressões de amor e tolerância ou são formas de opressão?

### Formação da Identidade e preconceito na Escola

Durante a gravidez, a mãe tem que responder às pessoas se o bebê que espera é menino ou menina.

A resposta a essa pergunta já conduz, no imaginário, a ideias sobre como esta criança será.

Se menino/macho, em geral o seu quarto será azul, seu brinquedo será um carrinho, brincar de “lutinhas” e de super-herói!

Se menina/fêmea, seu quarto provavelmente será rosa, seu brinquedo será uma boneca, brincar de casinha!

Essa determinação social continua acontecendo na escola, onde são esperados determinados comportamentos por parte dos meninos e outros por parte das meninas.

É muito comum ouvir, nos espaços escolares:

Sente-se como uma menina!

Referindo-se ao comportamento recatado que se espera das meninas.

Nem parece letra de menina!

As meninas devem ter letra bonita, o material escolar organizado, as roupas limpas.

Isso é coisa de guri ou coisa de piá!

Referindo-se à bagunça, brigas e agressividade.

Você é fuxiqueiro como as meninas!

Referindo-se às meninas como sendo fofoqueiras e causadoras de intrigas.

Homem não chora!

Referindo-se ao comportamento que não valoriza as emoções e/ou os medos dos meninos.

É importante perceber que, às vezes, estas falas e ações são, na verdade, rótulos impostos às/aos estudantes e acabam por reproduzir determinados padrões sociais.

Contudo, nem sempre estes padrões correspondem à verdadeira personalidade da pessoa, aos seus sentimentos ou as suas vontades.

Os padrões impostos aos meninos e às meninas induzem a determinados comportamentos e visões do mundo, criando expectativas sobre como as pessoas devem agir e se comportar. Estes padrões acompanham as pessoas até na vida adulta.

Não é difícil perceber que, quando alguém **não** se sente confortável no padrão exigido, passa, muitas vezes, por sofrimento.

As humilhações, os xingamentos, as piadinhas e a violência, muitas vezes são justificadas como se fossem palavras e ações corretivas para o “bem” da pessoa que está “desajustada”.

Tais situações e justificativas não são mais aceitas e muitas delas são tipificadas como crimes.

Ora, se o espaço escolar é povoado de pessoas de diferentes orientações sexuais, identidades de gênero, classes sociais, visões políticas, raça/etnias, religiões entre outras diferenças, é importante que professores e funcionários valorizem essa diversidade e que sejam agentes do respeito e do acolhimento.

A escola tem papel fundamental na promoção a redução do preconceito e da discriminação.

### Observação de casos de violência em decorrência do gênero

Todos os dias, em várias localidades, acontecem situações de violência que são geradas, especificamente em razão de questões de gênero.

Utilizando as notícias que os cursistas trouxeram sobre violência, organizem cartazes selecionando as notícias conforme o tipo de ocorrência:

Cartaz 1 - Espancamento de Mulheres.

Cartaz 2 - Estupro.

Cartaz 3 - Femicídios. -assassinato de mulheres por serem mulheres – ciúmes, sentimento de posse, insubordinação.

Cartaz 4 - Violência contra homossexuais e pessoas transgênero.

Cartaz 5 - Suicídios em razão da não aceitação da orientação sexual.



#### PRATIQUE:

##### Análise e relato

A partir das notícias selecionadas, faça a leitura e relate:

- Quem foi a vítima?
- Quem foi o criminoso?
- Qual foi motivação do crime?
- A notícia ou a manchete tenta atribuir culpa à vítima? Como?
- O criminoso está preso?

Ao retomar essa atividade, o grupo deverá organizar um quadro estatístico das reportagens levantadas.

Ocorrência	Número	Idade aproximada da vítima	Local (Paraná/ Brasil)	Motivo alegado (quando houver)
Espancamento de mulheres.				
Estupro.				
Feminicídio.				
Suicídio.				
Espancamento de gays, lésbicas ou transexuais ou travestis.				
Assassinato de gays, lésbicas ou transexuais ou travestis.				

### Conhecendo os conteúdos de Gênero e Diversidade Sexual no Portal Dia a Dia Educação



#### **PRATIQUE:**

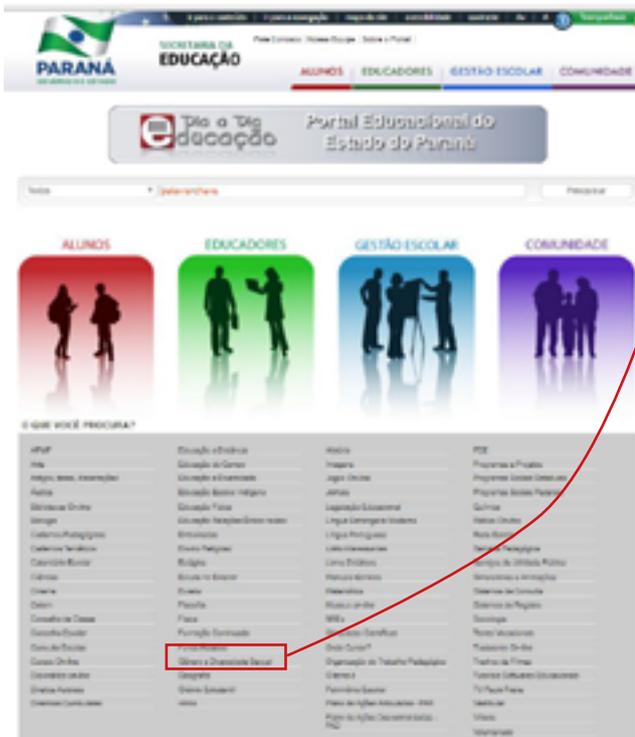
Nesta atividade, convidamos você a conhecer e explorar o Portal Dia a Dia Educação

Neste espaço virtual estão disponibilizados livros, orientações pedagógicas, legislação, filmes, vídeos e muitos outros materiais pedagógicos nas temáticas de gênero e diversidade sexual.

O que acha de conhecer mais sobre o assunto?

Para acessar a página Gênero e Diversidade Sexual sugerimos o seguinte:

<http://www.diaadia.pr.gov.br/>



1º PASSO

Gênero e Diversidade Sexual

2º PASSO

Ao clicar em Gênero e Diversidade Sexual, você será direcionado para os ícones dos conteúdos disponíveis.

A atividade consiste em navegar pela página indicada. Sugerimos a escolha de audiovisuais do seu interesse. Seguem algumas sugestões:

**Quem Sou Eu? Como é a infância das pessoas transgênero**

**Boneca na Mochila, de Reginaldo Bianco, (1997)**

**Vestido Novo**

## Entrevista

Escolha cinco profissionais que trabalham na escola: Professores/as, Agentes Educacionais I ou II, Diretores/as ou Pedagogos/as e entreviste-os com as questões abaixo:

	Entrevistado 1 Nome: Função:	Entrevistado 2	Entrevistado 3	Entrevistado 4	Entrevistado 5
Você já foi discriminado por ser homem ou mulher?					
Você já foi discriminado pela sua orientação sexual (heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade)?					
Você conhece alguém que sofreu violência ou discriminação pelas questões acima mencionadas?					
Você já superou situações de preconceito, como as mencionadas acima ou conhece alguém que superou? (ex: relacionamento abusivo, violência física, moral ou psicológica, e outras).					

- Dentre as pessoas entrevistadas, você ouviu algum relato sobre como as pessoas agiram para superar o preconceito? Descreva.

### Estudantes e mães<sup>3</sup>

A PNAD de 2014 mostrou que o Brasil tinha 5,2 milhões de meninas de 15 a 17 anos. Dessas, 414.105 tinham pelo menos um filho. Neste grupo, apenas 104.731 estudam. As outras 309.374 estão fora da escola. Um pequeno grupo só trabalha (52.062). A maioria dessas jovens (257.312 adolescentes) não estuda nem trabalha.

As garotas que já são mães, mas ainda não terminaram o ciclo básico de ensino, abandonaram os estudos e estão desempregadas são um desafio para o poder público, que tem até 2016 para matricular todos os e as adolescentes de 15 a 17 anos na escola.

O prazo faz parte de uma das 20 metas do Plano Nacional de Educação (PNE). A meta 3 diz que o Brasil precisa “universalizar, até 2016, o atendimento escolar para toda a população de 15 a 17 anos e elevar, até o final do período de vigência deste PNE, a taxa líquida de matrículas no ensino médio para 85%”. Isso quer dizer que, além de ter todos os adolescentes matriculados, 85% deles precisam estar matriculados no ensino médio, e não em anos do ensino fundamental, com o aprendizado defasado.

A realidade atual mostra que 1,3 milhão de pessoas de 15 a 17 anos não estudam, não trabalham. Dessas, cerca de 300 mil não terminaram o ensino médio. A maior parte dessas pessoas é do sexo feminino.

No período analisado, o número de garotas sem diploma, aulas ou emprego aumentou mais que o de meninos. Ele foi de 715.139 para 806.220. Em 2012, as garotas nessa situação representavam 58,7% do total. Em 2013, elas passaram a representar 59,1% de todas as pessoas de 15 a 17 anos fora da escola e do mercado de trabalho.

No caso específico das mães adolescentes, houve aumento no número de matriculadas na escola. Mas cresceu ainda mais o número de jovens com filhos sem estudo ou trabalho. Isso porque, em 2013, havia menos meninas de 15 a 17 anos trabalhando do que em 2012.



#### PRATIQUE:

- Na sua escola acontecem casos de gravidez na adolescência?
- Você sabe como as meninas são acolhidas quando isso acontece?
- Anualmente, em média, quantas meninas tornam-se mães nesta escola?
- A partir da sua percepção, essas meninas-mães conseguem prosseguir os estudos?
- Existem creches próximo à escola que aceitam matrículas dos filhos das alunas-mães?
- A escola tem assegurado a licença maternidade sem causar restrições, censuras ou maiores dificuldades para as alunas-mães?
- A escola tem trabalhado a sexualidade e a prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis e/ou Gravidez não planejada?
- Os Agentes Educacionais I das escolas são importantes no suporte emocional e/ou prático para que as alunas-mães possam sentir-se mais seguras e não abandonar os estudos? Como? Cite situações concretas?

<sup>3</sup> Texto extraído do site: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/03/no-brasil-75-das-adolescentes-que-tem-filhos-estao-fora-da-escola.html>>. Acesso em: 12 set. 2017.

### REFERÊNCIAS

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2001.

RIBEIRO, Paula Regina Costa e QUADRADO, Raquel Pereira (org). **Corpos, Gêneros e Sexualidades: questões possíveis para o currículo escolar**. Caderno Pedagógico. 3ª ed. Revisada. Rio Grande: Editora FURG, 2013, p. 50/51.

PARANÁ. **Plano Estadual de Políticas Públicas para a Promoção e Defesa dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT) do Paraná**. Imprensa Oficial. 2013. p. 43/50.

SANT'ANA, Antônio Olímpio de. **História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados**. In: MUNANGA, Kabengele. Superando o racismo nas escolas. Brasília, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Adolescentes e jovens para a educação entre pares: diversidades sexuais**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011.

#### Sites consultados

NO BRASIL, 75% DAS ADOLESCENTES QUE TÊM FILHOS ESTÃO FORA DA ESCOLA. GLOBO. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/03/no-brasil-75-das-adolescentes-que-tem-filhos-estao-fora-da-escola.html>>. Acesso em: 12 set. 2017.

## EDUCAÇÃO DO CAMPO

*“Se as cidades forem destruídas e os campos forem conservados, as cidades ressurgirão, mas se queimarem os campos e conservarem as cidades, estas não sobreviverão.”*

*Benjamin Franklin*

Olá Cursista!

Figura 1: Salada



Fonte: Pixabay



## REFLITA:

**Analisando a imagem acima você consegue identificar o que está por trás dela?**

**Você já parou para pensar sobre os alimentos que come? Como eles chegam à sua mesa? Quem os produz? Em como é a vida dos sujeitos do campo? Seu dia-a-dia? Seus costumes e cultura?**

Pois bem, nesta unidade você vai conhecer um pouco sobre tudo isso, pois verá sobre a história, as especificidades dos sujeitos que habitam o campo, bem como sua luta pelo direito a uma educação de qualidade, do, no, para o campo. Desse modo, você irá compreender a importância da Educação do Campo, conhecer sua trajetória no Brasil e no Paraná, seus objetivos.

Esse conjunto de conhecimentos lhe possibilitará compreender, com clareza, o modo como vem sendo construído, historicamente, a interdependência campo-cidade

Você terá textos complementares para ler e refletir sobre eles. E, ao final de dessa unidade, atividades para serem realizadas. Nossa proposta é que você reconheça o campo como o local onde as pessoas possuem cultura, história, organização social e produtiva, valorizando esses sujeitos que garantem às cidades a sobrevivência.

As atividades propostas nesta unidade poderão ser realizadas em sala de aula ou a distância, posteriormente podem ser compartilhadas por meio de exposição individual ou em grupo, a partir de textos escritos, gravuras, fotos, seminários ou outras formas encontradas pelo tutor antes do iniciar o conteúdo. Essas atividades são obrigatórias e

estão previstas na carga horária necessária para a certificação do Programa de Formação Inicial em Serviço dos Profissionais da Educação Básica dos Sistemas de Ensino Público – Profucionário.

### O CAMPO

Você sabia que durante muito tempo a sociedade brasileira era caracterizada pela sociedade rural? Isso ocorria porque foi nesse espaço que nossa população se formou. Assim, a atividade açucareira, desenvolvida desde o período de nossa colonização, foi o embrião da família rural, que por sua vez, constituiu-se na base de nossa sociedade colonial.

Figura 2: Plantação de Cana



Fonte: Wikipedia

Nos períodos seguintes, ao lado dos engenhos, teremos a presença das fazendas de café e de gado. Seus proprietários, os senhores-de-engenho e senhores-de-café, formavam a aristocracia da sociedade brasileira. Essa elite, devido à suas condições econômicas e políticas, foi quem determinou as condições socioeconômicas de nosso desenvolvimento durante a Colônia, o Império e a República Velha (BARBOSA, sd)

Figura 3: Plantação Brasileira de Café, no começo do século XX.



Fonte: Wikipedia.org

Porém, com o tempo isso foi perdendo força gradativamente, a partir da Era Vargas, e o Brasil, hoje, é considerado um país urbano, apesar de boa parte de nossas cidades serem da área rural.

Essa nova representação – agora urbana, da nossa sociedade gerou uma estigmatização das populações que habitavam a área rural, pois o termo rural passou a caracterizar o lugar de atraso, cuja população necessitava de assistência e proteção.

Basta nos lembrarmos do personagem Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, para percebermos o preconceito sofrido pelas populações do campo. O camponês brasileiro foi estereotipado como o fraco, atrasado, caipira preguiçoso.

Essa história, que expressa os componentes ideológicos, ou seja, expressa as visões e percepções, fundamentais, da sociedade urbana sobre o mundo rural, denuncia os vínculos reais entre o rural e o urbano.

Entretanto, sabemos que essas visões e percepções foram construídas historicamente, por uma sociedade aristocrática que menosprezava os sujeitos do campo e o papel social que exerciam, tendo em vista, eles se apresentarem com características específicas e relevantes, como o jeito próprio na relação com a natureza, o trabalho com a terra, a organização das atividades de produção, valorização das relações familiares e entre a vizinhança, as festas comunitárias e a celebração da colheita, bem diferentes da forma como a sociedade urbana se organiza e se relaciona.

### A EDUCAÇÃO DO CAMPO

Mas, você deve estar se perguntando: Se a educação é um direito de todos, por que uma educação do campo?

É justamente por causa dessa realidade diferenciada dos sujeitos do campo que foi gerada a necessidade de uma prática pedagógica, de uma educação também diferenciada, voltada para os trabalhadores do campo com o viés da formação humana.

Entretanto, a visão que havia em relação a esses povos era visão assistencialista e protecionista, na qual continuava a não se fazer presente o direito a uma educação com a mesma qualidade ofertada na área urbana.

Historicamente, as políticas públicas educacionais direcionadas aos sujeitos do campo, denominadas de Educação Rural, contribuíram para a manutenção da concentração de terras e, conseqüentemente, ao aumento da migração-campo cidade e das favelas.

Essa Educação Rural desconsiderava a vida dos sujeitos do campo, adotando o espaço urbano como modelo ideal de desenvolvimento.

Figura 4: Jeca Tatu



Fonte: Vandresen

### **A Educação do Campo, no Campo, para o Campo e os direitos sociais.**

Sabemos que a escola é um lugar privilegiado de formação, de culturas, valores, conhecimentos e de identidade dos sujeitos, sejam eles crianças, adolescentes, jovens ou adultos. É espaço que abre os horizontes dos alunos, sejam do campo ou da cidade. Ter uma educação que garanta o conhecimento, o acesso à ciência e à tecnologia acumulada ao longo da história, respeitando as especificidades de todos os sujeitos, independente de onde residam, é direito de todos.

Na Educação do Campo, isso aproxima o ensino com a realidade dos estudantes, valorizando os saberes do campo, usando espaços alternativos de ensino, as matas, os campos, rios bem como as plantações locais. Também é necessário trabalhar com os conceitos de sustentabilidade e diversidade que complementam a educação do campo, levando em consideração a relação das pessoas com a natureza, com os seres humanos e todos os seres dos diferentes ecossistemas.

Deve-se considerar o direito a uma educação que dê novos significados aos processos educativos na diversidade de dimensões que se apresentam: sociais, políticas e culturais que formam os seres humanos e a própria sociedade. Nesse sentido, a educação do campo nasce com um novo olhar sobre o campo, conquistado ao longo da história e de uma vasta legislação sobre o tema.

### **Educação como um Direito Social**

... um dos saberes fundamentais mais requeridos para o exercício de tal testemunho é o que se expressa na certeza de que mudar é difícil, mas é possível. É o que nos faz recusar qualquer posição fatalista que empresta a este ou aquele fator condicionante um poder determinante, diante do qual nada se pode fazer (FREIRE, p.55, 2016).

A Constituição, de 1988, em seu artigo 6º, define uma série de direitos sociais, mais ou menos abstratos, que precisam ser regulamentados por outras leis, mas definem a essência daquilo que a nação se compromete a garantir para a sociedade.

A educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados”, são direitos sociais.

Essas são definições de uma grande amplitude de direitos, que justificam, por exemplo, o sistema de saúde público nacional, as escolas públicas, os benefícios auxiliares e previdenciários, a existência de forças policiais, como também, diversos outros pontos que são estrutura da existência do Estado brasileiro.

Além disso, em seu Art. 25, afirma que

a educação, direito de todos e dever do estado e família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando o pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988)

Em seu Art.206, essa Constituição, determina que o ensino de ser orientado por vários princípios, entre eles: igualdade de condição de acesso e permanência na escola, ou seja, fica assegurado, que todos e todas tenham as mesmas garantias de entrar na escola e continuar estudando.

Além da Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, conhecida como LDB - 9394/96, afirma em seu artigo 28, a possibilidade de uma adequação curricular e de metodologias apropriadas ao meio rural; da flexibilização da organização escolar, com adequação do calendário escolar.

Outro instrumento legal, aprovado como Resolução nº 001/2002, pelo Conselho Nacional de Educação, foram as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Essa resolução apresenta um conjunto de recomendações sobre a necessidade da garantia de uma educação de qualidade para todas as crianças, jovens e adultos que moram no campo. Destacando que a educação do campo tratada como educação rural na legislação brasileira, tem um significado que incorpora os espaços da floresta, da pecuária, das minas e da agricultura, mas os ultrapassa ao acolher em si os espaços pesqueiros, caixaras, ribeirinhos e extrativistas.

O campo, nesse sentido, mais do que um perímetro não urbano, é um campo de possibilidades que dinamizam a ligação dos seres humanos com a própria produção das condições da existência social e com as realizações de sociedade humana. (Brasil, 2002, p.1).

Durante décadas, não se falava em Educação do Campo, mas em Educação Rural, escola Rural, professor rural e ainda hoje é um grande desafio a desconstrução dessa ideia. Fernandes et al. (2004, p. 25) afirmam que a utilização da expressão campo foi adotada em função da reflexão sobre o "(...) sentido atual do trabalho camponês e das lutas sociais e culturais dos grupos que hoje tentam garantir a sobrevivência deste trabalho". A intenção explícita é resgatar o conceito de camponês. Aprofunda-se a definição de campo como

[...] lugar de vida, onde as pessoas podem morar, trabalhar, estudar com dignidade de quem tem o seu lugar, a sua identidade cultural. O campo não é só o lugar da produção agropecuária e agroindustrial, do latifúndio e da grilagem de terra. O campo é espaço e território dos camponeses e dos quilombolas [...] (Fernandes et al., 2004, p. 137).

No Estado do Paraná foram lançadas, em 2006, as Diretrizes Curriculares da Educação do Campo, documento importante na afirmação da educação como um direito universal, pois vem auxiliar o professor na reorganização da sua prática educativa, tornando-a cada vez mais próxima da realidade dos sujeitos do campo.

Desta forma, se fortalece o sentimento de pertencimento dos educandos, que encontraram na escola o trabalho educativo que dá sentido em suas vidas. As diretrizes trazem em si o chão da escola e traçam estratégias que visam nortear a práxis do professor e garantir a apropriação do conhecimento pelos estudantes da rede pública.

Os mesmos princípios democráticos que fundamentam a construção dessas Diretrizes solicitam, dos professores, o engajamento na contínua reflexão sobre esse documento, para que sua participação crítica, constante e transformadora efetive, nas escolas de todo o Estado, um currículo dinâmico e democrático.

As Diretrizes Curriculares da Educação do Campo (DCEC), do Paraná apresentam como sendo povos do campo os

posseiros, boias-frias, ribeirinhos, ilhéus, atingidos por barragens, assentados, acampados, arrendatários, pequenos proprietários ou colonos ou sitiante, caboclos dos faxinais, comunidades negras rurais, quilombolas e, também, as etnias indígenas (PARANÁ, 2006, p. 22)

### RELAÇÕES CAMPO-CIDADE – APRENDENDO COM O CAMPO



Fonte: Vandresen

Falar sobre a relação entre cidade e campo é uma tarefa muito complexa, pois podemos abordar o tema por diferentes ângulos, sendo um deles o espaço geográfico formado do pelo rural e pelo urbano. Ou seja, pelas áreas densamente habitadas das cidades de um lado e pelas áreas de campo, onde são desenvolvidas atividades agrícolas e agropecuárias. Cada um desses espaços tem características bem específicas tanto sociais quanto espaciais. No entanto, também, possuem muitas inter-relações.

Dessa forma, o Espaço Rural pode ser definido como o espaço não urbanizado, ou seja, que não apresenta a formação de cidades e nem as suas práticas em um sentido mais denso e que não é urbanizável a curto e médio prazo. Assim, o meio rural costuma agregar as atividades agrárias, além de atividades econômicas que envolvem o extrativismo, a conservação ambiental, a pecuária, a silvicultura, o ecoturismo e outras. É importante ressaltar que todos nós precisamos do espaço rural para sobreviver. Lembrem-se dos questionamentos que iniciaram essa unidade?

Por sua vez, o espaço urbano é entendido como a área formada pelas ocupações populacionais que são caracterizadas como cidades e suas atividades. Fazem parte desse meio as indústrias, o dinamismo do comércio e uma grande diversidade de serviços. A complexidade de tais atividades dependerá do nível de urbanização alcançado, bem como dos índices populacionais e do desenvolvimento econômico da região em si.

É muito comum pensarmos essas regiões de forma separada e que uma exclui a outra. No entanto, o que se vê na prática é uma relação de complemento e, muitas vezes, de dependência de um espaço para com o outro. Em outras palavras, podemos dizer que

as atividades econômicas praticadas no campo dependem das práticas realizadas nas cidades e vice-versa.

Observamos, dessa forma, que as populações do campo, com suas peculiaridades são fundamentais para a continuidade das populações urbanas, pois dela provém a nossa alimentação, a matéria-prima para as nossas vestimentas. Da forma como essas populações se apropriam no meio em que habitam e do qual tiram a sua subsistência, provém a nossa água potável. Da agricultura familiar, boa parte dos alimentos que serão utilizados na merenda escolar, de acordo com a Lei 11.947/2009, do Governo Federal. No Paraná, a agricultura familiar contribui na alimentação ofertada aos 1.165.756 alunos em 2.149 estabelecimentos de ensino da rede pública estadual.

Agricultura familiar, atividades faxinalenses, meeiras, arrendatárias, agroecologia, agricultura e agropecuária sustentáveis são todas atividades de produção e de vida das populações do campo, de cuja organização social emergem características do desenvolvimento sustentável, da produção que evita a agressão ao meio ambiente e ao ser humano.

Mas, o campo não é apenas espaço de produção de alimentos ou de matéria prima. E, antes de tudo, espaço de produção e de preservação cultural.

Nosso estado possui muitas tradições preservadas pelos povos do campo e que com o passar dos anos, também, passam a integrar o cotidiano da população urbana. O milho, alimento integrante de nossa culinária, seja na pamonha, no bolo de milho, no curau, ou em espiga, apenas cozido na água e sal, é presença obrigatória nas festas juninas ou nas festas de roça no período da colheita. E de onde vem esse hábito culinário? Dos nossos índios.

Em nosso litoral, além do artesanato tradicional (potes de barro, trançados, pinturas com traços europeus e/ou indígenas) temos a confecção das canoas de um pau só; o fandango; as violas, as rabecas, os tamancos feitos pela comunidade. Tudo isso, identifica a comunidade, suas tradições, modo de pensar, de viver e seus valores.

Figura 6: Fandango



Fonte: Wikimedia Commons

Além dessas manifestações culturais, ocorrem as Folias de Reis, A Festa do Divino, ascavalhadas e congadas, como as cavalhadas da região de Palmas e Guarapuava e a Congada de São Benedito que acontece na Lapa, por ocasião da festa comemorativa de São Benedito.

Agora, creio que já podemos responder com segurança aos questionamentos feitos no início desse tópico: Você já parou para pensar sobre os alimentos que come? Como eles chegam à sua mesa? Quem os produz? Em como é a vida dos sujeitos do campo? Seu dia-a-dia? Seus costumes e cultura?



### PRATIQUE:

1 - Pesquise sobre os povos do campo, quem são os: posseiros, meeiros, faxinalenses, quilombolas, indígenas, pescadores entre outros...

2 – Você conhece algum costume/tradição pertencente aos povos do campo? Descreva-o.

3 - Você conhece alguma Escola Estadual ou Municipal do campo? Pesquise sobre as escolas do campo no Paraná. Depois da pesquisa, aponte se é ou não importante fortalecer as escolas do campo e explique seu posicionamento.

### Referências:

BARBOSA, Francisco Benedito da Costa. **Formação da Sociedade Rural e seus Reflexos no desenvolvimento do Brasil**. Sd. Disponível em: [http://www.ipades.com.br/publicacoes/FORMACAO\\_DA\\_SOCIEDADE\\_RURAL.pdf](http://www.ipades.com.br/publicacoes/FORMACAO_DA_SOCIEDADE_RURAL.pdf). Acesso: 25 abr 2017.

BRASIL. **Constituição** . **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado **Federal**: Centro Gráfico, 1988.

\_\_\_\_\_. **LDB**. Lei 9394/96 Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm). Acesso em 22 ago. 2017.

**DIRETRIZES OPERACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS ESCOLAS DO CAMPO**. CNE/MEC: Brasília, 2012

FERNANDES, B.M. Diretrizes de uma caminhada. In: ARROYO, M.G; CALDART, R.S.; MOLINA, M.C. **Por uma educação do campo** . Petrópolis:Vozes, 2004. p. 133-145.

FERNANDES, B.M.; CERIOLI, P.; CALDART, R.S. Primeira Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo. In: ARROYO, M.G; CALDART, R.S.; MOLINA, M.C. **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 19-6

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

